



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ARTE POLÍTICA E QUESTÃO DO AGRONEGÓCIO: A EXPERIÊNCIA DO
GRUPO CONSCIÊNCIA E ARTE NO ASSENTAMENTO ITAÚNA,
PLANALTINA (GO)

ADAILTON JUNIOR VIEIRA DOS SANTOS

Planaltina DF

2019

Adailton Junior Vieira dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação do Campo na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Aprovada em 09/12/2019.

Banca Examinadora:

Profº. Dr. Felipe Canova Gonçalves (UnB/FUP) – Orientador

Profº. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (UnB/FUP) – Membro interno

Profª. Ms. Adriana Fernandes Souza (UnB/FUP) – Membro externo

Planaltina

2019

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que deram o sangue para que hoje eu pudesse estar usando este espaço que é privilégio para poucos.

Ao meu orientador Felipe Canova, que me apoiou em todas as decisões deste trabalho e incentivou a finalização do mesmo.

A minha mãe, Cleonice, que apesar das falhas e da pouca comunicação está sempre presente.

A minha esposa, Alessandra, e minha filha, Ana Luiza, que me lembram todos os dias o porquê de lutar e conquistar meus objetivos.

A minha irmã, Maria, que descontraí e traz alegria aos dias mais escuros.

Aos tios e tias que incentivaram a entrada em uma universidade.

Aos guerreiros, Mateus, Mauricio, José Cezário, irmão, tio e avô, que por um desatino da vida partiram cedo deste mundo, mas que deixaram em sua trilha, bastante conhecimento e impacto significativo em nossas vidas.

A todos aqueles que fizeram parte da minha caminhada no processo de formação como educador, companheiros e companheiras de luta, de teatro, de turma (GangaZumba).

A todos os pretos e pretas desse mundo que carregam a ancestralidade na alma e a resistência bombeada nas veias.

RESUMO

Tendo em vista que a problemática do agronegócio em terras destinadas a Reforma Agrária, pesquisamos sobre a arte política em conflito com o agronegócio a partir da experiência do Grupo Consciência e Arte no Assentamento Itaúna, Planaltina (GO), a fim de compreender a formação da juventude rural na luta através da arte contra os processos de opressão por parte do agronegócio. Para tanto, é necessário contribuir na sistematização das experiências em arte política construídas no Assentamento Itaúna, com enfoque no grupo Consciência e Arte e relacionando-as com a trajetória de luta da comunidade, bem como produzir uma análise crítica da peça construída pelo grupo de teatro, denominada “A invasão do agronegócio nos assentamentos”, criada em 2012, pelos jovens do grupo de teatro. Realiza-se, então, uma pesquisa qualitativa. Diante disso, verifica-se que a arte política tem total força de emancipação das comunidades rurais e da juventude, e na formação coletiva para o enfrentamento às opressões e as grades que prendem os sujeitos oprimidos, o que impõe a constatação de que a juventude rural tem total capacidade de enfrentamento das dificuldades, muitas vezes aceitas pelos pais.

Palavras-chave: Arte Política. Agronegócio. Juventude rural. Educação do campo. Teatro.

ABSTRACT

Considering that the agribusiness issue in land destined for Agrarian Reform, we researched political art in conflict with agribusiness from the experience of the Conscience and Art Group in the Itaúna Settlement, Planaltina (GO), in order to understand the formation of rural youth in the struggle through art against the processes of oppression by agribusiness. Therefore, it is necessary to contribute to the systematization of political art experiences built at the Itaúna Settlement, focusing on the Conscience and Art group and relating them to the community's struggle trajectory, as well as producing a critical analysis of the play built by the theater group, called “The invasion of agribusiness in the settlements”, created in 2012, by the young people of the theater group. Then, a qualitative research is carried out. Given this, it appears that political art has full emancipation power from rural communities and youth, and in the collective formation to face oppression and the grids that imprison oppressed subjects, which imposes the observation that rural youth has full ability to face difficulties, often accepted by parents.

Keywords: Political art. Agribusiness. Rural youth. Educação do Campo. Theater.

Sumário	
Introdução.....	7
CAPÍTULO I.....	10
Concepções sobre o Agronegócio.....	10
Terras improdutivas no Brasil.....	14
Brasil contemporâneo e o agronegócio.....	16
Escola tradicional x Educação do campo.....	25
Concepções sobre os mitos fundadores de uma sociedade autoritária.....	29
CAPÍTULO II.....	32
Arte Política e sua relevância para a formação e educação: Teatro Político e formação da Juventude.....	32
<i>Arte e escola</i>	32
<i>Teatro</i>	34
<i>Agitprop (teatro político)</i>	36
<i>Teatro do Oprimido</i>	37
Formação da consciência política.....	41
Politização da juventude.....	46
Coletivo de Teatro Consciência e Arte.....	48
Histórico do Rap.....	51
Ant’Cistema.....	55
CAPÍTULO III - Análise da peça A invasão do Agronegócio nos Assentamentos do Grupo de Teatro Consciência e Arte.....	58
Peça e o contexto social.....	58
Personagens.....	59
Descrição e análise das cenas.....	61
O ontem e o hoje: análise das mudanças socioculturais antes, durante e depois da peça.....	65
Referências Bibliográficas.....	76

Anexo 1.....	79
--------------	----

Introdução

O agronegócio vem, desde a década de 1970, se expandindo pelo país, quase sempre tomando terras de indígenas, quilombolas, de populações ribeirinhas e de moradores das áreas rurais. Visando sempre o crescimento da produção com vistas à exportação e ao lucro, e não a vida existente nos locais em que produzem.

Como aspecto pertinente a esse trabalho, se tratando da emancipação e reconhecimento destes povos, é necessário realizar um trabalho de reconhecimento dessas pessoas, destes povos.

Desta forma, assumi como tema a arte política e a questão do agronegócio, tomando como recorte as contribuições da arte política para a luta da comunidade Itaúna contra o agronegócio. O problema de pesquisa decorrente do tema e do recorte escolhidos pode ser sintetizado em duas perguntas norteadoras:

–Como o problema do Agronegócio foi abordado/representado pelo grupo de Teatro Consciência e Arte?

–Quais efeitos essa produção artística teve como contribuições para a luta da comunidade contra o agronegócio?

Construir respostas a estas perguntas é o objetivo geral deste trabalho. Como objetivos específicos, proponho:

– Contribuir na sistematização das experiências em arte política construídas no Assentamento Itaúna, com enfoque no grupo Consciência e Arte e relacionando-as com a trajetória de luta da comunidade;

–Produzir uma análise crítica da peça construída pelo grupo de teatro denominado “A invasão do agronegócio nos assentamentos” criada em 2012 pelos jovens do grupo.

Como metodologia de pesquisa, de caráter qualitativa, foram utilizados as técnicas da revisão bibliográfica; entrevistas abertas gravadas em vídeo e áudio, associando a coleta de informações para a finalização do trabalho a cerca do entendimento dos jovens e adultos da comunidade sobre o problema

já citado; e a análise da peça teatral, por meio da coleta e sistematização de material de arquivo em vídeo e textos referentes à trajetória do grupo Consciência e Arte.

As minhas considerações a respeito do tema, pertinentes a cultura das artes políticas e a grande problemática na comunidade sobre o intenso uso de agrotóxicos, se consagram como a iniciativa de um projeto para combater as dificuldades enfrentadas ao longo do processo de estudos e debates sobre o assunto.

Compreendo que tais iniciativas não são de fato fáceis de serem iniciadas ou que prossigam. Há um grande embate das famílias da comunidade contra a juventude em si, pois o fato de ir contra os trabalhos e atitudes dos pais é considerado uma falta de respeito contra os mesmos.

Reviver os trabalhos do grupo de Teatro Consciência e Arte e expô-los novamente aos mais velhos é uma iniciativa ambígua e problemática. As contradições perante os mesmos interferem no trabalho da juventude. Desde os tempos modernos, vemos o preconceito contra a juventude.

Há sempre momentos em que os pais incitam os jovens a desistirem de projetos nos quais estão atuando, como, por exemplo, o teatro. As peças e trabalhos do grupo destacam as questões que não são “corretas” no sentido ético, tais como machismo, racismo, homofobia e a expansão do agronegócio dentro da comunidade.

Estes modelos opressivos que estão impregnados na sociedade brasileira, e tendo forte aspecto de reforço nas comunidades tradicionais, que em sua maioria não recebem uma visão detalhada destes preceitos, revivendo constantemente esses modelos de opressão.

Necessita-se de uma abordagem discursiva e direta, no envolvimento com a juventude e com a comunidade no geral, ou seja, o envolvimento dos jovens nos espaços de discussão fortalece a cultura de transformação social, como demonstramos ao longo deste trabalho, uma vez que a cultura em que os jovens vivem é totalmente diferente da vivida por seus pais, com acesso a tecnologias e informações. Com isso, a comunidade progride e cresce nas ideologias de um bem comum.

É um trabalho árduo, mas com força de vontade e muita luta conseguiremos destacar estes processos opressivos contra os moradores do

campo e a juventude rural e caminhar no sentido de extingui-los por completo de nossas comunidades, tornando-as não uma utopia, mas um local de trabalho coletivo voltado às questões de incentivo às produções agroecológicas.

Escolhi esse tema, pois parto de uma premissa do que é o agronegócio e como grupos artísticos enfrentam a dificuldade de lutar contra as problemáticas deste modelo de produção. Um dos aspectos de maior dificuldade dentro da minha comunidade é a invasão do agronegócio no assentamento.

Outro aspecto é a necessidade de deixar marcado no histórico da comunidade as atividades dos grupos artísticos da mesma, dando ênfase ao grupo de Teatro Consciência e Arte, que em sua trajetória fez um trabalho de conscientização com os jovens e adultos, visando quebrar o aprisionamento pelas grades do latifúndio.

Por fim, optei neste tema de pesquisa para a conclusão de curso, escrever apontamentos de reconhecimento do trabalho da juventude rural em luta contra um de seus problemas socioeconômicos e políticos. Tendo como base a minha participação não só como integrante, mas também como coordenador do grupo.

CAPÍTULO I

Concepções sobre o Agronegócio

A história econômica brasileira, com suas implicações sociais, políticas e culturais, têm fortes raízes junto aos modelos produtivos e econômicos do Brasil desde a era colonial. A ocupação do território brasileiro iniciada durante o século XVI e apoiada na doação de terras por intermédio de sesmarias, monocultura da cana-de-açúcar e no regime escravocrata foi responsável pela expansão do latifúndio. Antes da expansão deste sistema monocultor, já havia se instalado no país como primeira atividade econômica a extração do Pau-brasil (MORISSAWA, 2001).

A intervenção da sociedade escravocrata no Brasil Colônia, de 1500, dá início a uma nova maneira de produção visando um crescimento na produção para a exportação de seus produtos para a metrópole, Portugal. A extração de minério de prata e ouro e do Pau-brasil, intensifica a expansão do latifúndio pela exploração das terras e suas demarcações.

A extração intensiva do Pau-brasil acabou gerando a extinção do mesmo, dando início a uma enorme produção de cana-de-açúcar, que gerou a sustentação para a economia do país como colônia. Seguindo numa breve ordem cronológica, pela cana-de-açúcar no Nordeste, em seguida com o látex na Amazônia, dando grande visibilidade a Manaus, transformando-a numa grande metrópole internacional, em seguida com a produção do café que se transforma em fonte de capital para o processo de industrialização do país.

No Brasil, o vocábulo *agribusiness* foi traduzido inicialmente pelas expressões *agroindústria* e *complexo agroindustrial*, que buscavam ressaltar a novidade do processo de modernização e industrialização da agricultura, que se intensificou nos anos 1970. (LEITE e MEDEIROS, 2012, p. 81)

Com essa abrangente expansão, necessita-se encontrar um modelo de produção com o qual não se haja tanto prejuízo como a produção do Pau-

Brasil. Entra em uma nova era na produção de cultivos em grande escala de monoculturas, como soja, milho e feijão.

Entre as três últimas décadas do século 20, a economia se configura majoritariamente como produção em grande escala de soja para exportação e emerge o agronegócio. Tornando-se fonte de riquezas para o capital, sem considerar a realidade dos povos do campo.

A criação das *commodities* com o grande uso de intensivos químicos, produzindo para a exportação, vem implicando na formação de grupos de estudo, no sentido de manter esse modo de produção, intensificando o uso para o fortalecimento da economia. Como cursos de formação para jovens e adultos dentro das universidades e com mais ênfase nas comunidades rurais, como os cursos de Gestão do Agronegócio e cursos de cultivo com a ajuda de intensivos químicos.

A conjuntura política social dos povos do campo não é vista como desafios de constituição desses grupos acima citados. Tem-se uma ideologia de que no campo não existe vida, existe somente a formação de produção de monocultura, sem vínculo com a produção agroecológica. A saúde não é o foco de discussão nesse modo de produção, respaldado politicamente pelos deputados ruralistas e suas associações patronais.

Em relação à concentração do poder político, o agronegócio tem representação pluripartidária no Congresso Nacional. A Bancada Ruralista não esconde sua posição, frente ao domínio das terras e interesses em medidas governamentais que defendem a propriedade privada, a expansão capitalista na agricultura, e as mudanças no código Florestal, o que contraria os interesses dos povos que tem no campo sua principal fonte de vida. (MACHADO, 2015, p. 20)

A questão é que as comunidades rurais são, em sua maioria, comunidades geradoras de renda para as grandes metrópoles, se vinculando a um modelo de produção que vise a sustentabilidade tanto das famílias quanto dos seus territórios. A necessidade de dar valor cultural, político e econômico se faz necessário para que isto não se configure como um sonho utópico e longe de ser concretizado, mesmo que isso exista a todo momento em praticamente todas as comunidades rurais.

Segundo o Ministério do desenvolvimento Agrário (MDA), em seu artigo “Mais orgânicos na mesa do Brasileiro em 2017” com um levantamento feito pela Coordenação de Agroecologia (Coagre) da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o território de produção orgânica no Brasil pode ultrapassar os 750 mil hectares registrados em 2016, impulsionada, principalmente, pela agricultura familiar.

De acordo com a Coagre, houve um salto de 6.700 mil unidades (2013) para aproximadamente 15.700 (2016). Ou seja, em um período de apenas 3 anos, o número praticamente dobrou de nível de produção, tendo assim muito mais modelos de produção vinculada a agricultura familiar.

Isso nos remete a uma ideia de que este tipo de produção, mesmo que massacrado pelo agronegócio e suas grandes áreas de monocultivo, vem se emancipando e se transformando como modelo de subsistência de famílias rurais e que vivem majoritariamente da terra e do que produzem.

Segundo o artigo, no ranking das regiões que mais produzem alimentos orgânicos, o Sudeste fica em primeiro lugar, totalizando 333 mil hectares e 2.729 registros de produtores no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO). Na sequência, as regiões Norte (158 mil hectares), Nordeste (118,4 mil), Centro-Oeste (101,8 mil) e Sul (37,6 mil).

Nos dias atuais, 75% dos agricultores cadastrados no CNPO, são agricultores familiares.

Sylvia Wachsner, coordenadora do Centro de Inteligência em Orgânicos (CI Orgânicos) diz:

Interessante notar que o número de unidades de produção é cada vez maior e está se espalhando por quase todas as regiões do Brasil, o que indica que os agricultores familiares reconhecem na agroecologia e na produção orgânica uma maneira de comercializar alimentos, com valor agregado, e que, ao mesmo tempo, são produzidos sem o uso de insumos agroquímicos, constituindo uma opção mais segura para o agricultor, para o consumidor e para o meio ambiente.¹

Importante ressaltar que os produtores rurais são os produtores que mantêm a comida na mesa dos brasileiros, pois, mesmo não tendo um espaço aberto nas grandes mídias como as grandes fazendas do agronegócio, estes

¹ Fonte: <http://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/463455/>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

pequenos-grandes produtores são os que mantêm o comércio de alimentos nas grandes cidades.

Enquanto o “agro” se preocupa em vendas e produção para exportação em grande escala, o pequeno agricultor se preocupa em produzir alimentos com qualidade e respeitando o meio ambiente, todo o alimento produzido é vinculado ao processo de subsistência e para o seu próprio consumo na maioria das vezes.

Conforme Santiago (2013), recebe o nome de monocultura de exportação ou *plantation*, o sistema de exploração agrícola que se concentra em apenas uma cultura, a qual é destinada a mercados exteriores. Esses modelos de culturas únicas em grande escala, são em sua maioria cultivos de cana de açúcar, soja, milho, feijão, café, algodão dentre outras culturas.

Este modelo econômico marcou praticamente todo o continente americano por séculos, iniciado no Brasil principalmente na produção do Pau-brasil, que já vinha se perpetuando por todo o continente africano e asiático na busca pelas especiarias.

Este modelo de produção agrária se perpetuou por todo o território latino-americano, devastando áreas de vegetação natural e se configurando com grandes áreas de latifúndio e de vegetação única. Fazendo com que grandes propriedades de preservação se transformassem em grandes áreas de produção para exportação.

Embora seja um traço contemporâneo da questão agrária brasileira,

A monocultura de exportação está presente no Brasil desde o século XVI, quando os portugueses desenvolveram a produção açucareira ao longo da faixa litorânea do nordeste, aproveitando os solos férteis de massapé. Já na América espanhola, a agricultura ganhou impulso entre os séculos XVII e XVIII, com a queda da produção mineral, em especial no Peru.²

A implementação do modelo de produção de monocultura (cultivo de uma única espécie), depende muito de uma grande área de cultivo, para que se possa produzir bastante na política de exportação. Como o mercado interno é bastante saturado, a visão de produzir para fora do país é o plano de se garantir um poder econômico com seus produtos.

² Fonte: <https://www.infoescola.com/agricultura/monocultura-de-exportacao/>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

Para o latifundiário, é um modelo rápido para se conseguir o retorno de sua produção e investimento. No entanto, a população ao seu redor fica vulnerável e dependente daquela grande propriedade. Outros modelos de produção como a agroecologia são descartados para dar lugar a esse modelo em grande escala para a exportação, sendo assim, os empregos ficam obrigados a depender do sucesso dessa mesma cultura.

Apesar deste modelo de produção ser considerado substancialmente eficaz, ainda se problematiza com a incerteza de produção, contando com mão-de-obra assalariada ou utilizando até mesmo trabalho escravo ilegal. No Brasil, a cultura de cultivo para exportação é aplicada em praticamente todo o território nacional, tendo em vista a produção de cana-de-açúcar, café, eucalipto para celulose, e recentemente a soja.

O agronegócio se expande de maneira acelerada, e o seu sucesso é divulgado através de propagandas veiculadas pelos grandes órgãos da imprensa. Suas virtudes econômicas, produto da sustentação do Estado e da Sociedade, estão totalmente contornadas para o lucro dos capitais correspondentes e mais dependência externa. (MACHADO, 2015, p. 20)

Terras improdutivas no Brasil

Ao referir-se à terra improdutiva, o termo faz semelhança com o latifúndio, que consiste na concentração de terras, mas sem produção ativa da mesma. “O termo latifúndio, de origem latina, era usado na Roma Antiga para referir-se às extensões de terra controladas pela aristocracia, e passou a ser utilizado para designar grandes propriedades de terra em geral.” (MEDEIROS, 2012, p. 445)

De acordo com Kátia Abreu, ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e atual senadora do Tocantins, em uma entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, afirma que o "latifúndio não existe mais no Brasil"³ e que não há necessidade de o Brasil realizar uma reforma agrária ampla, mas apenas "pontual".

³ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/01/1570557-nao-existe-mais-latifundio-no-brasil-diz-nova-ministra-da-agricultura.shtml>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

Por outro lado, o artigo “O Brasil tem Latifúndios: 70 mil deles” de Marcelo Pellegrini no site do Carta Capital, afirma que:

no Brasil em 2010, as terras improdutivas representavam 40% das grandes propriedades rurais, segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Ao todo, 228 milhões de hectares estão abandonados ou produzem abaixo da capacidade, o que os torna sem função social e, portanto, aptos para a reforma agrária de acordo com a Constituição⁴.

As estatísticas, portanto, contrariam a afirmação de Kátia Abreu, e derrubam o argumento apresentado por ela em entrevista. Em comparação com os dados do governo no mesmo ano da entrevista, as afirmações da ex-ministra são incompreensíveis e não fazem muito sentido. O latifúndio no Brasil cresce a cada ano sem preocupações, transformando as grandes propriedades em terras improdutivas.

Dados do Atlas da Terra Brasil 2015, feito pelo CNPq/USP, mostram que 175,9 milhões de hectares são improdutivos no Brasil⁵.

Uma das problemáticas que causam esse desenfreado aumento é a grilagem de terra, onde os grandes produtores falsificam documentos para dizer que as terras estão em nome de terceiros e que são os proprietários daquelas terras.

Segundo o INCRA, grilagem de terras:

É a ocupação irregular de terras, a partir de fraude e falsificação de títulos de propriedade. O termo tem origem no antigo artifício de se colocar documentos novos em uma caixa com grilos, fazendo com que os papéis ficassem amarelados (em função dos dejetos dos insetos) e roídos, conferindo-lhes, assim, aspecto mais antigo, semelhante a um documento original. (INCRA, 2009)

Outra problemática neste cenário é a cooptação de pequenos produtores e de pequenos proprietários, um fato que é muito comum no país e envolvem personagens bem conhecidas. O banqueiro Daniel Dantas, investigado pela Operação Satiagraha por gestão fraudulenta e evasão de

⁴ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-latifundios-70-mil-deles-1476/>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁵ Fonte: <https://mst.org.br/2015/01/09/concentracao-de-terra-cresce-e-latifundios-equivalem-a-tres-sergipe-2/>. Acesso em 20 de junho de 2018.

divisas, é acusado de grilar mais de 25 mil hectares no sul do Pará, de acordo com a Comissão Pastoral da Terra. De forma semelhante, o ex-ministro das Comunicações e senador Eunício Oliveira (PMDB-GO) possui uma propriedade com mais de 21 mil hectares, adquirida por meio da cooptação de pequenos fazendeiros do estado de Goiás, afirma o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁶.

Embora seja claro o número de terras improdutivas e do latifúndio no Brasil, sugere-se que este número seja ainda maior, pois os dados colhidos pelo INCRA são dados colhidos por autodeclaração, ou seja, os proprietários se declaram donos desses terrenos, mas não necessariamente de toda a sua extensão.

Hoje, declarar-se improdutivo implica em um aumento do Imposto Territorial Rural ao dono da terra. Além disso, se estas terras forem fiscalizadas pela União, a área poderá ser considerada improdutivo, e assim ser desapropriada e destinada à Reforma Agrária. Estima-se que o número de terras improdutivas hoje seja muito maior do que os dados já subnotificados pelo INCRA.

Outro fator que reduz o índice real de latifúndios no Brasil é a medida usada para determinar a produtividade. Hoje, as medidas são as mesmas utilizadas no censo agropecuário de 1975. Se transfigurassem um novo modo nos critérios de avaliação, levando em conta as técnicas de produção agrícola utilizadas como base no censo de 2006, o número de propriedades improdutivas seria ainda maior.

Brasil contemporâneo e o agronegócio

Não é de hoje que temos no Brasil uma grande expansão do agronegócio e uma enorme variedade tecnológica que propicia o seu crescimento no país. Com novas formas de produção se expande a necessidade de mais terras para que se possa produzir em uma grande escala.

⁶ Fonte: <https://mst.org.br/2015/06/21/tres-mil-familias-do-mst-reocupam-latifundio-do-senador-eunicio-oliveira/>. Acesso em 20 de junho de 2018.

Com isso, uma das questões mais problemáticas é a necessidade de buscar estas terras, sendo o Brasil um dos países com maior número de terras improdutivas, situadas em grandes fazendas, e um país com alto índice de famílias sem terras. Gera-se assim uma problemática entre estes dois grupos.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a exemplo de um movimento social na luta pela terra, busca, através das ocupações destas terras improdutivas, inserir as famílias que foram, a certo modo, expulsas de suas terras de origem, ou provindas de outras áreas rurais, como indígenas, quilombolas entre outros, tendo que ir em busca de um novo sonho que é um lugar digno para morar e produzir.

Porém a luta pela Reforma Agrária tem ainda muitos limites, por anos famílias de baixa renda são obrigadas a aguardar do governo a autorização para usufruir de uma terra que não produz. Esperando da justiça a ordem para que possam, de fato, morar nessas terras, porém também sabendo que a qualquer momento poderão ser despejados e remanejados para outro local.

Após conseguirem o direito à tão sonhada terra, as famílias passam a enfrentar uma nova problemática, que é a falta de assistência para a sua permanência dentro da comunidade. Falta assistência para produzir, conseguir gerar renda de sua terra, permanecer com ela.

Como, na maioria das vezes, as comunidades rurais são cercadas por grandes fazendas que visam uma grande produção, essas fazendas acabam arrendando as terras dos moradores para expandir a sua produção. Os pequenos produtores acabam ficando reféns do latifúndio, uma vez que se torna impossível produzir hortaliças orgânicas ou com quantidade menor de veneno, quando a grande produção de monocultura devasta os arredores com o intenso uso de intensivos químicos (agrotóxicos).

Ao modelo do agronegócio passa a ser contraposto o modelo agroecológico, pautado na valorização da agricultura camponesa e nos princípios da policultura, dos cuidados ambientais e do controle dos agricultores sobre a produção de suas sementes. (LEITE e MEDEIROS, 2012, p. 87)

Como exemplo disso, a comunidade na qual estou inserido enfrenta essa problemática. Após a conquista das terras, não houve ajuda de custo ou

incentivo à produção orgânica, para que os moradores pudessem produzir nessas terras. Houve apenas um abandono dessas famílias.

Esse problema social que estamos vivendo é uma prática que ocorre em vários assentamentos do Brasil, fazendo com que muitas famílias, após a conquista das terras, vendam seus terrenos ou troquem por outro terreno menor dentro da cidade grande. Muitas vezes famílias arrendam seus respectivos lotes para expandir as produções de fazendas vizinhas.

Os arrendamentos, apelidados aqui de parceria, consistem no aluguel de algo, para que terceiros produzam ou usufruam deste objeto. Porém os arrendamentos em terras conquistadas pela Reforma Agrária são proibidos por lei. Mas nas áreas rurais, isso não se aplica aos grandes produtores.

Com um discurso totalmente construído, levam os pequenos produtores a crer que, ao arrendar seu lote, o mesmo contribui para a economia do país, tendo grande participação nas produções em larga escala. Mas no final da produção lhe é garantido apenas uma mínima porcentagem que não serve praticamente para nada, e quando a produção é perdida não é feito nenhum pagamento.

Por consequência dessas atitudes, os pequenos produtores frequentemente não têm espaço para produzir em pequena escala, nem mesmo para consumo próprio. Em um pequeno espaço em meio à grande produção se estabelece a casa dos moradores. A parte de seu terreno que sobra não pode ser considerado nem como quintal, pois segundo os latifundiários: “com mais terras, mais produção”.

É prometida uma grande parcela dos lucros pela produção, um grande retorno do que foi gasto, mas no final, o que sobra é nada além de migalhas e complicações na saúde. A dívida feita pelos moradores, visando esse retorno, torna a subsistência ainda mais complicada. Há na comunidade casos de afecções no pulmão, asma, feridas na pele, cegueira, entre outros vários sintomas que acontecem pelo uso dos intensivos químicos.

Segundo estudo do Instituto Nacional de Câncer (Inca), o cidadão brasileiro consome, em média, 7,5 litros de veneno por ano em consequência da utilização de agrotóxicos. No Rio Grande do Sul, este nível é ainda mais elevado, chegando a 8,3 litros. Na região noroeste do Estado, é ainda pior, superando os 16 litros por ano.

Deste modo, a população brasileira vive e sobrevive às custas do modelo do agronegócio, injetam o veneno na população através dos alimentos intoxicados e os conduzem a comprar os remédios produzidos pelas mesmas empresas que fabricam os intensivos.

Contexto histórico do assentamento Itaúna

No Brasil há uma enorme necessidade de distribuição de terras, para isso é necessária uma maior atuação dos órgãos públicos para a distribuição desses terrenos. Há uma grande população que necessita de um apoio bem mais amplo na conquista da terra e para autonomia de viverem com dignidade.

A Reforma Agrária é um sonho ainda longe de ser conquistado, pois ainda é necessário que haja uma reforma na política voltada para as áreas rurais.

Os assentamentos conquistados pela Reforma Agrária no Brasil são, em sua maioria, conquistados por um processo bastante demorado. Um exemplo disso é a comunidade Itaúna, situada no município de Planaltina - GO, que vem desse processo de conquista da terra.

A comunidade Itaúna⁷ foi criada no dia 3 de maio de 2007, porém a trajetória da conquista da área da mesma remonta ao final dos anos 1990. Nessa década, havia em torno de 100 famílias que ocuparam a fazenda, hoje conhecida como PA Itaúna.

Estas famílias tinham origem, em sua maioria, do estado de Minas Gerais, mas também são provenientes de regiões do Nordeste, Rio Grande do Sul, Tocantins. Com o decorrer do tempo, muitas famílias desistiram da luta e retornaram as suas terras de origem ou foram lutar em outros territórios.

O primeiro pedido de desapropriação da fazenda foi realizado em abril de 1996 pelo então presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Planaltina de Goiás, Sr. Torcato Pereira de Paula, e não foi atendido. O pedido foi reiterado em 18 de março de 1997.

Porém, embora não conste nas documentações do STR de Planaltina, só em junho de 1997 seguiram-se os trabalhos de desapropriação das terras. Em novembro de 1997, foi liberado um espaço nos fundos da propriedade

⁷ Dados sobre a comunidade e o processo de assentamento obtidos por pesquisas do autor.

para que fosse montado o acampamento dos moradores pelo então dono da propriedade. A negociação entre o INCRA e o dono da propriedade foi um grande processo que se perpetuou até meados de maio de 1998.

Após várias conquistas, o fazendeiro dono das terras pediu uma reintegração de posse. Foi realizada, então, uma vistoria da fazenda com fim de instruir processo de proposta de desapropriação por interesse social no período de 26 a 31 de março de 1998, conforme pode ser averiguado mediante consulta ao PIS do INCRA de 19 de março de 1998. Para realização de tal tarefa, foi instituída a ordem de serviço do INCRA. Em 21 de Maio de 1998 foi concluído o laudo de vistoria que retirou sua perspectiva de viabilidade técnica para implantação de um projeto de assentamento, ou seja, era impossível se criar um assentamento naquela região.

A contenda entre o INCRA e o proprietário foi para a justiça, o que levou o STR de Planaltina de Goiás a protocolar novo requerimento solicitando a intervenção na Superintendência no sentido de evitar o despejo dos acampados no imóvel, eminente pelo pedido de reintegração de posse do fazendeiro. Contudo, a Fazenda Itaúna ainda não havia sido declarada de interesse social por meio de decreto presidencial, não cabendo uma intervenção da autarquia pela inexistência de interesse jurídico processual.

Em 20 de julho de 1998 a ação de reintegração de posse foi concedida pela justiça em favor dos proprietários, mas sua execução foi suspensa a pedido do representante do INCRA e do representante da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, tendo como base a inviabilidade de regularização rural pela baixa na negociação de preço do imóvel.

Em 27 de julho de 1998 os proprietários da fazenda procuraram impugnar por meio de seu advogado a vistoria realizada pelo INCRA no mesmo ano. Contudo, as impugnações deixaram de ser reconhecidas em 10 de agosto de 1998 em virtude dos pronunciamentos de dois técnicos do INCRA, passando-se aos encaminhamentos necessários para expedição do Decreto para desapropriação por interesse social para fins de reforma agrária.

Em 11 de setembro de 1998 foi finalmente expedido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso o Decreto que declarou de interesse social, para fins de reforma agrária a Fazenda Itaúna, tendo o mesmo sido publicado no Diário Oficial da União de 14 de setembro de 1998.

Desta maneira, foi solicitada uma nova vistoria para que transformasse o local em um imóvel para terra com interesse à Reforma Agrária. A nova vistoria foi realizada no período de 30 de novembro de 1998 a 4 de dezembro de 1998, definindo a capacidade de assentamento para um total de 111 famílias. Os proprietários, porém, não se conformaram com valor fornecido pelo INCRA pela fazenda e entraram com uma ação na justiça que se arrastaria por muitos anos.

Em 21 de Agosto de 2002 o conselho diretor do INCRA apresentou uma contraproposta aos proprietários, mas o processo não teve segmento. Até que em 2005 foi formalizado no processo visando o fim do processo legislativo e judicial com os proprietários do PA e a realização de um acordo. Houve a demora no processo de regularização das terras desde o ano 2006 pela desistência de muitos moradores e a morte de alguns dos acampados também.

Em 2007, após muitos anos de lutas, os moradores conseguiram a tão sonhada terra, conseguindo, por fim, ir morar em seus respectivos lotes. Famílias que ao longo de um grande processo de expedição pelo território nacional, conseguiram finalmente encontrar um local fixo para se constituir. Famílias vindas dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Paraíba.

Atualmente, poucas dessas famílias provindas destas regiões residem dentro da comunidade. Pela demora de conquista da terra, muitas pessoas que iniciaram a luta pela terra, lá em 1994, vieram a falecer, fazendo com que seus familiares mais jovens partissem em busca de outro modo de vida, desistindo da luta.

Hoje, residem famílias de Minas Gerais, e de algumas regiões mais distantes do estado de Goiás, como existe uma família de Quilombolas da Região de Cavalcante, Goiás, que residia e trabalhavam na fazenda como caseiros, e após o início da luta pela terra, se somaram junto as famílias e hoje também conquistaram a sua própria terra.

Para além de uma visão bibliográfica, acrescento a história da comunidade com a minha própria história de vida. Pois desde o primeiro ano de lutas, eu estava presente.

Nasci em Arinos, MG, com um ano de idade vim com meus pais em busca de melhoria de vida e de um espaço para se constituir. Mas não foram anos de boa vida, porém a esperança de um dia de fato acontecer a reforma agrária permanecia intacta.

Quando criança, as dificuldades batiam a porta. Alojados em barracos de lona e chão de terra batida, meu pai percorria mais de 30 km por dia catando latinha na BR, para tirar algum sustento. Poucas vezes surgiam rancas de feijão, os famosos “bóia fria”. Onde por meses ficava longe de casa e quando retornava, o dinheiro conquistado mal dava para trazer algum alimento.

O preconceito gerado pelos moradores da redondeza era insaciável, pois os “sem terra” estavam causando baderna nas redondezas. Havia até a dificuldade de se matricular na escola do povoado mais próximo. Os mais velhos contam que quando iam a escola, o ônibus escolar era dividido por uma corda, onde de um lado sentavam-se os assentados do assentamento vizinho e do outro os “sem terra”.

Aos poucos, com uma reforma na política em 2003, as coisas começaram a melhorar, onde já não faltava mais o alimento, agora com mais dois irmãos, meus pais conseguem perceber que aquele espaço de terra enfim um dia seria o seu espaço tão sonhado.

Mesmo com a até então liberação da terra para as famílias, o preconceito ainda não havia sido removido. Ônibus não paravam para levar as famílias, carros que não respeitavam a presença de pessoas próximos ao asfalto.

Aos poucos as famílias tomavam autonomia e conseguiam criar a sua identidade dentro do território. Acontecimentos como o desmatamento da área de reserva da comunidade eram tratados com firmeza e não era aceito pelos moradores. Mesmo que ainda a terra não fosse realmente daquelas famílias, o sentimento de cuidar da mesma não era menor.

Ao ingressar na escola, aos seis anos de idade, passei a sofrer o que meus pais e tios sofriam. Ser taxado como algo monstruoso para uma criança que mal sabia o que era o mundo. Por crianças e professores que deveriam incluir e não excluir.

Como já citado, em 2007 conseguimos a demarcação das terras, as famílias começavam a construir novos barracos de adobe de terra, mas ao menos estavam em seu próprio lugar.

Mesmo com as melhorias de vida, a busca por trabalho era inviabilizada a cada dia, pois com a criação de um novo maquinário e a modernização, acaba-se com as rancas de feijão, e a classe “boia fria” passa a sentir a dificuldade de conseguir algo para gerar renda.

Em 2008, uma proposta trazida pelo presidente da associação da época, levava esperança de uma renda a mais. A criação de um plantio e cultivo de batata doce, onde os moradores trabalhariam e receberiam as diárias trabalhadas após a venda. A proposta era a melhor possível, os pais e mães não precisariam viajar por quilômetros para conseguir um serviço por migalhas.

Após a venda das batatas inicia-se um novo problema, o dinheiro não havia sido pago aos trabalhadores, de assembleia em assembleia, a comunidade perdia a esperanças de um dia conseguir este dinheiro. Em uma destas assembleias, meu avô, José Cezario, discute com o presidente, e sai de lá arrasado pela injustiça sofrida.

Na mesma noite sofre um AVC (Acidente Vascular Cerebral) ficando inerte e ligado a aparelhos. Aos poucos retomava a consciência, mas as sequelas continuavam. Foi nesta situação, entre idas e vindas, que passei a compreender os seus ensinamentos. Quando dizia aos filhos e aos netos “estudem, pois uma caneta pesa menos que uma enxada”, onde mesmo não podendo se expressar, mostrava seu orgulho dos filhos se formando na faculdade.

Até hoje não se sabe ao certo o destino tomado do dinheiro da venda das batatas. Boatos não confirmados afirmam que houve pagamento da venda das leguminosas e recebimento de uma quantia para o atual presidente da associação, apenas morador da comunidade na época. Acontece que as famílias assinaram notas fiscais limpas com o objetivo de acelerar o recebimento das diárias trabalhadas, o que jamais houve retorno.

Neste meio tempo no processo de formação da comunidade, surge o agronegócio com propostas até então engajadoras no quesito de geração de

renda para aquelas famílias. O que de início já víamos que era um risco as famílias e ao meio ambiente.

No mesmo período, começo a sentir na pele o racismo, sobre o cabelo, a cor da pele, o nariz. Tanto que uma nova política retira todos os jovens da escola de São Gabriel, e enviam a comunidade Flor da Terra, talvez uma medida de amenizar o número de alunos que crescia constantemente, mas também um modo de tirar a comunidade da zona urbana.

Em 2010, um ano conturbado, meu irmão mais novo, Mateus, sofre um acidente grave na BR, ficando em coma induzido por 5 dias, vindo a ter os equipamentos desligados por decisão de meus pais, pois não havia mais o que ser feito. Sua partida pôde salvar vidas, com a doação de seus órgãos.

Neste mesmo ano tenho o primeiro contato com o teatro como ator, a proposta vinda dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, mostra uma nova perspectiva de mundo. Ali, vi a oportunidade de trabalhar o que já havia aprendido, pois inspirado por meu tio, Vitor, que me apresentou a poesia, e por minha mãe que me levava as aulas na universidade, reforçava a minha formação.

Aqui, a vida já não era tão complicada quanto nas épocas de acampamento. As portas da universidade sendo abertas à comunidade, não só com a Licenciatura, mas também com a formação da juventude rural. Particpei sempre ativo em encontros de jovens e adultos.

Em 2012, com o grupo de teatro firmado, particpei da criação da primeira peça do grupo, levando a proposta ao mesmo. Ali, o sonho de seguir os estudos firmemente era o que mantinha o foco de uma melhoria de vida.

Em 2013, surge a proposta de trabalhar com o rap, já que a facilidade e habilidade com as rimas eram movimentadas constantemente com o teatro, percebia-se um novo espaço a ser conquistado.

Neste mesmo ano, com o auge do grupo de teatro e rap, meu avó, por toda a sua luta nos últimos 4 anos, vem a ser internado, ficando no hospital por dois meses, até não resistir e vir a falecer.

Em 2014, nosso grupo de rap grava o primeiro CD, algo que pode parecer simples, mas que acarretou uma mudança radical em nossas vidas. Ali víamos que tínhamos conquistado o que queríamos ser e fazer dali pra frente.

Nesse processo, a comunidade não trabalhava tanto com os arrendamentos, tinha-se uma consciência do que era ruim para a saúde, muito por conta do trabalho da formação dos jovens com o teatro e a música.

Em 2015 ingresso na universidade, no mesmo curso que minha mãe e meus tios, sentindo a intensidade de estar ali presente e ocupando aquele espaço destinado a poucos. Com isso, o trabalho com o rap e o teatro vão ficando de lado, mas ocupando um espaço de abertura para apresentações e coordenação do mesmo junto ao Terra em Cena.

Nesse período de parada do trabalho dos jovens, a comunidade passa a arrendar mais suas terras, não só por necessidade, mas por medo, pois as pressões políticas que ocorriam no país na época reforçavam a necessidade de tirar renda de qualquer coisa.

Em 2016 com o golpe, a comunidade acaba por desencadear uma forma de aceitação dos arrendamentos, onde a maior parte da comunidade era constituída por soja e milho.

Nestes anos de curso, ocupei um espaço dentro da minha turma como compositor da mesma, fazendo poesias e músicas para os trabalhos coletivos. Neste meio tempo gravei duas músicas inspiradas pelas aulas e o trabalho com os colegas: “Preto não é gente” que trabalha a perspectiva do negro na sociedade, e “Mundo enterrado”, formulada a partir da peça de Vianinha de mesmo nome, pensando em uma adaptação ao tratamento em que o governo dá aos trabalhadores e ao petróleo nacional.

A comunidade hoje está vinculada ao trabalho com o agronegócio. A terra é arrendada, e as famílias saem para trabalhar fora sem cultivar a própria terra. Neste sentido, a comunidade perdeu o vínculo com a terra, mesmo tendo consciência disto, as ideologias da comunidade no acampamento foram esquecidas e mudadas para um acomodamento para os moradores do assentamento.

Escola tradicional x Educação do campo

Para iniciarmos um debate sobre educação e ensino, é necessário observar como os meios de ensino trabalham na perspectiva de formação dos indivíduos. Cabe a nós salientarmos os modelos de educação, desde as

formas de educação vinculadas a formação de senhores e escravos e uma forma de educação igualitária sem distinções de classes, credos ou raças.

Podemos observar o modelo das tribos ou comunidades primitivas, onde a educação não está vinculada a um local (escola), mas sim, nas ações e métodos de trabalhos cotidianos dos membros que constituem essa comunidade. Com a forma de trabalhar e decorar e aprender com a prática, até mesmo futuramente para se transformar em um educador e expressar o seu saber para os novos membros da comunidade.

Podemos constituir que a educação é feita pelo próprio homem, juntamente com sua força de trabalho, ao construir uma ferramenta para ajudar nos seus trabalhos diários, o homem cria a educação do fazer. Isso é um processo histórico, que veio se constituindo ao longo dos anos, sendo passado por gerações.

Se pensarmos educação como método de libertação dos indivíduos, podemos observar que não há somente a necessidade de mudança do âmbito escolar, mas sim, uma mudança no regime educacional como um todo. Se espelhando as sociedades primitivas, o método utilizado de ensino, é formalizado na perspectiva de aprender – ensinar – e aprender. Está sempre ligado a uma constante formação individual e coletiva.

A educação deve estar junto aos princípios do trabalho. O processo de aprendizagem deve ser de uma maneira construtiva, onde os alunos se interessem pelo mundo em que vive, os meios sociais, a natureza, os meios políticos. Sabendo que sua interação não trará lucros (se tratando do lucro intelectual) para si, mas sim para toda a sociedade.

As atividades desenvolvidas pelos estudantes devem também ajudar na sua vida social, e deve também ser um trabalho pedagógico, pois é preciso que seja um trabalho socialmente útil e pedagogicamente transformador. A escola não tem a obrigação de colocar os alunos para trabalhar, mas ela tem que se preocupar com os problemas da comunidade e daí fazer um planejamento de como e o que ela possa fazer para contribuir na solução deles.

Pensando sobre a Educação do Campo, como pratica emancipatória de constituição do homem como um todo, Caldart constitui que:

Como conceito em construção, a Educação do Campo, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu,

já pode configurar-se como uma *categoria de análise* da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares com outras denominações. (CALDART, 2012, P. 259)

Na espécie humana que se efetua um longo e complexo processo educativo, sem o qual o indivíduo não poderia sobreviver numa sociedade que transformou radicalmente as condições naturais de vida e que exige dele comportamentos muito superiores àqueles que são determinados pelos instintos.

Se pensarmos a educação comunitária e de minorias privilegiadas, é de fundamental importância agregarmos os valores históricos da constituição do ser humano como ser pensante. A educação não é apenas envolvida no meio escolar, pois a educação é constituinte de cada ser humano, formulada ao meio em que ele vive.

Ao longo do processo histórico, as elites ou as minorias que detiveram o poder do capital impuseram para a classe desfavorecida que as suas condições de sobrevivência seriam um modelo escravocrata e que seriam dominados por uma pequena minoria. As ações dessa pequena minoria, foram se adaptando e transformando a cabeça da classe trabalhadora, fazendo com que passassem a acreditar que estão vivendo em um mundo igualitário com as mesmas chances de sobrevivência.

Vemos claramente que há dois modelos de ensino em nossas escolas hoje, um método de formar para o trabalho e um para formar indivíduos que venham a dominar quem foi formado para trabalhar. Mesmo que estas questões estejam pouco ligadas a visão de mundo dos integrantes da sociedade.

Observa-se que a educação é uma prioridade para a classe dominante, ao ponto que seja alienante e que mostre, mesmo que vagamente, quem “manda” e quem “obedece”. Atualmente temos uma grande massa que trabalha para comer e pagar contas e considera isso digno, como se entregasse a sua vida ao sofrimento e não parasse para pensar que esse modelo foi imposto desde criança por seus pais, pela escola, pela mídia, e por vários meios de educação que nos remete a pensar desta maneira.

E se tratando novamente da Educação do Campo, Caldart observa que:

Pela lógica do modelo dominante, é a educação rural e não a Educação do Campo, que deve retornar à agenda do Estado, reciclada pelas novas demandas de preparação de mão de obra para os processos de modernização e expansão das relações capitalistas na agricultura, demandas que não necessitam de um sistema público de educação no campo. (2012, p. 262-263)

A escola e o processo de aprendizagem, em uma visão geral da escola que temos, são analisados considerando-se os contextos históricos, os vínculos e relações com a sociedade, os interesses políticos e econômicos. As escolas reproduzem e legitimam as desigualdades sociais, de raça e gênero, mas também constituem espaços de contra-hegemonia.

Os processos de transição gerados pela autonomia do homem, ao se tornar seu próprio criador, o fez modificar o curso da história. Criando, alterando os meios em que vive, fazendo assim que o ato de estudar para criar, o fez trabalhar em métodos históricos de consagração. Pensando nisso, podemos afirmar que a educação está literalmente ligada ao que as ações do homem interferem no meio em que vive.

A educação em si, se vinculada a um processo de transformação social, incluindo as artes, a filosofia e a cultura dos alunos, prolifera em seu âmbito, uma constituinte de mudança não só individual, mas sim coletivo. Se vinculando aos alunos, funcionários, professores, diretores, pais e comunidade, transforma seu modelo, e incita a uma sociedade mais igualitária e de construção coletiva.

A educação que temos e a educação que queremos não são termos distintos umas das outras. Cabe a nós, o sujeito principal da história, pensarmos em formas práticas e eficazes para combater a nossa forma atual de educar. Desvendar estes modelos separatistas, é e sempre será a necessidade principal da luta como educador popular.

Esse modelo educacional, vinculado a formação de indivíduos que desenvolvam estudo para exercer a sua força de trabalho após o término de seu tempo de estudo, e ao mesmo tempo formam outros indivíduos para que mantenham a “força de trabalho” ativa no âmbito fabril.

Estamos sujeitos a constituir um mundo novo, contudo devemos fortalecer nosso instinto de evolução. Nós transformamos nosso meio de vida,

com isso devemos transformar nossa forma de educação e trabalho. Desvelar da mente das pessoas que devem viver na miséria e achar que isso é o que foi destinado a elas. Deve-se pensar que todos, independentemente de quem seja, merece uma educação libertária e comum.

No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, quando concebe a intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, pelos vínculos com novas formas de produção, com o trabalho associado livre, com outros valores e compromissos políticos, com lutas sociais que enfrentam as contradições envolvidas nesses processos. (CALDART, 2012, p. 265)

Necessitamos arduamente de uma mudança desse modelo de ensino com o qual estamos enfrentando atualmente. Não somente mudar as matrizes de ensino ou grade curricular das escolas, precisamos identificar os aspectos que estão nos tornando alienados no sentido de busca de direitos e pensar uma educação que seja igualitária e atuante nos meios pertinentes a formação de uma sociedade como política, ações sociais, educação, saúde.

Concepções sobre os mitos fundadores de uma sociedade autoritária

Como parte deste diálogo com a educação libertadora, devemos entender a relação da sociedade brasileira e seus mitos fundadores. Os mitos fundadores de uma sociedade nada mais é do que modelos criados a partir de uma realidade para formar ou informar as características de um local, seja seu modelo de produção, de vida, de poder aquisitivo e econômico, dentre vários outros. Seja para controlar e alienar as massas, seja para se autoconstruir através da fé e crença dos outros indivíduos.

Na sociedade brasileira, o mito fundador de maior característica, é, sem dúvidas, a crença de que o Brasil é um país além de tropical, sem desigualdades sociais e de riquezas naturais infinitas, onde os brasileiros são um povo receptivo e de cultura festiva e alegre. Há também o mito da democracia racial, tendo a miscigenação como passaporte para o futuro,

baseando-se na ideologia de uma criação cultural da convivência cordial e amigável entre brancos, negros e índios.

Vemos que na prática o Brasil não é um país sem problemas, o viés desta questão é que os brasileiros foram ensinados, desde a guerra escravagista do Brasil colônia, que a conquista e construção destas terras foram pacíficas e a miscigenação não foi uma guerra de extermínio de índios e de negros.

Mas afinal, o que faz este mito de construção de Brasil ser tão forte? A resposta é simples, para um mito existir e se constituir através do tempo é necessário que haja uma conquista das pessoas pela fé e pela crença de que aquilo com o qual ele houve é real. O nosso mito é a nação, nossa fé é a grandeza de nação.

Neste século, a necessidade de um mito para controle das massas se faz necessária para as elites, ou seja, com estes mitos, partindo de uma ideia real da realidade, consegue-se manipular e entorpecer os modos de pensar dos indivíduos. Fazendo com que os mesmos se percam em meio a seus próprios pensamentos.

Ações construtivistas nos fazem refletir quanto aos modelos de enganação que são impostos desde os primórdios da construção de nossa sociedade. São estes mitos que nos fazem crer que o Brasil é um país lindo, rico e sem preconceitos, sendo que na realidade, vemos que isso não é bem assim.

São estes mitos que nos fazem pensar, por exemplo, que negros são todos vagabundos, ladrões, traiçoeiros. São estes mitos que nos fazem acreditar que nosso semelhante é amaldiçoado pela escolha sexual, pelo corte de cabelo ou pela fala. A necessidade de se consagrar como ser pensante se faz necessária numa sociedade movida a preconceitos.

A classe trabalhadora é constantemente bombardeada pela mídia sobre em que políticos devem votar, sobre quais medidas devem ser aprovadas para “seu bem-estar financeiro”, porém, vemos que ações como a reforma da previdência, não favorecem em âmbito algum o trabalhador, pelo contrário, os fará escravos descaradamente.

Precisamos de ações que nos remetam a acreditar que as pessoas não são diferentes umas das outras, que a escolha religiosa ou sua cor não nos

difere de possuir direitos. Precisamos de ações que não nos façam chamar políticos de “mito”, mas sim que possamos ver que estes “mitos” são modelos retrógrados e ultrapassados.

Se baseando no livro de Marilena Chauí (2000), Brasil - mito fundador e sociedade autoritária, vemos claramente nas palavras da autora que, em 500 anos de Brasil, ainda acreditamos em ideologias de ser um “novo mundo”. Isso é o que faz com que empresas internacionais e outras nações, como os Estados Unidos, explorem nossas riquezas naturais, que nos coloquem modelos de produção e quais roupas vestir e alimentos comer.

A necessidade de uma mudança radical na política, na mídia e na educação é crucial para essa libertação desse modelo escravista que vem se conceituando cada vez mais como o “mito da caverna” de Platão, ou seja, esses mitos fundadores, iniciais, perpassam ao longo do tempo, fazendo com que as pessoas continuem a compactuar com ações que as diminuem, mas a forma de acreditar e ter fé nesses mitos a impedem de se libertar.

CAPÍTULO II

Arte Política e sua relevância para a formação e educação: Teatro Político e formação da Juventude

O objetivo de toda árvore é dar frutos, sementes e flores: é o que desejamos para o Teatro do Oprimido, que busca não reconhecer só a realidade, mas transformá-la em nosso feitio. Nós, os oprimidos. (Augusto Boal)

Arte e escola

A arte na vida do homem foi questão básica de diálogo entre os seres. A evolução foi consolidada através da comunicação, com isso foi necessário que os homens se consolidassem e formassem um método de diálogo entre eles. Pensando arte não apenas como pinturas ou esculturas, mas como reconhecimento da habilidade do homem de concretizar os seus sentimentos e entendimento do processo de diálogo.

A arte, seja nas pinturas rupestres ou modernas, nas esculturas, nos monumentos históricos da arquitetura, foram amplos processos de mostrar o verdadeiro poder e valor do homem. A consolidação de poder ou de sentimento, fez com que o homem criasse, consolidasse seu sentimento através da arte.

Podemos dizer que a arte é um instrumento vital para a existência humana, é a chave de sua evolução através das eras. Cada momento histórico foi marcado por uma grande criação de obras de arte. Era necessário que ficasse marcado para as novas gerações tudo o que havia ocorrido em seus modos de existência.

As artes servem, a partir do universal que é a expressão dos sentimentos pela forma estética, para que pessoas de diferentes classes sociais, culturas e trajetórias de vida possam expressar os seus sentimentos e esse processo pode trazer a força da arte de um ponto de vista da classe trabalhadora como veremos adiante. O próprio processo histórico nos mostra que a arte é a essência da nossa consolidação. Nesse âmbito, podemos ver que sem arte não evoluiríamos, na questão de mudança de cada momento histórico, pois ela está ligada a tudo.

Na Educação do Campo, as artes plásticas e visuais, e também as artes cênicas, podem nos constituir como seres de resistência do território ao qual estamos inseridos. Os artesanatos, as fotos da época de acampamento, as músicas, são peças chaves da história e memória desses povos. Precisamos fortalecer o reconhecimento da nossa cultura, e fazer com que essas obras de arte sejam o que nos mantém ativos como seres humanos.

A atual conjuntura em que vivemos é um momento propício para nos influenciarmos da história das artes plásticas e visuais, para que possamos mostrar tudo o que a mídia não expõe, as fotografias feitas nos protestos, delatando a opressão em que os policiais cometem com os manifestantes. Mostrar que a arte não é apenas um objeto ao qual fazemos para ficar bonito, a arte também é uma forma de protesto contra as formas de opressão.

Nas escolas podemos mostrar como as épocas históricas das artes mudaram o mundo desde o princípio. Precisamos mostrar que a arte não está vinculada apenas ao processo de compra e venda que o capitalismo diz, as artes devem ser mostradas como essência do ser humano e não um método de lucro de mercado. Devemos colocar as classes menos favorecidas introduzidas no mundo das artes.

Necessitamos conhecer mais o mundo em que vivemos, as obras não devem permanecer só sob o poder de uma classe minoritária. Todos temos direito de ver e estar ligados a esse mundo que é tanto nosso quanto de qualquer outro que entenda a beleza dessa construção humana.

A atual conjuntura escolar em que vivemos é muito precária na formação dos alunos para a construção de uma sociedade mais educada no sentido de distanciamento da zona do analfabetismo, o que se reflete diretamente na sonegação da educação estética pelas artes. A escola se vincula a um

processo de trabalho em que forma o indivíduo somente para o uso da força de trabalho sem vínculo algum com a sua realidade vivida.

A necessidade de uma nova metodologia de escola sempre esteve em discussão pelas classes trabalhadoras, sempre com a ideologia de uma escola comum, que estivesse totalmente ligada às vivências dos alunos. Seguindo uma ideologia das sociedades socialistas, podemos observar que estes métodos abordados são, de fato, a relevância de maior centralidade para a educação de boa qualidade.

Estamos vivendo em uma conjuntura política em que a educação é a primeira fonte de luta para as massas a ser bombardeada pelas medidas de “castração” do conhecimento humano e arma contra as medidas opressivas da classe burguesa. A retirada das disciplinas, em suas diversas linguagens, das escolas, só reforça o conceito de escola que não ensina os alunos a pensarem, mas viver numa mesma conjuntura em que não haja a necessidade de pensar.

A sociedade está evoluindo de uma forma contrária as necessidades da classe trabalhadora. As necessidades básicas são deixadas para um segundo plano e o foco é o crescimento econômico sem vínculo com as necessidades básicas de quem fortalece o crescimento do país.

As linguagens artísticas se prontificam a proteger o aspecto de intelectualidade e força de luta e transformar o ser humano como arma de busca por seus direitos e necessidades básicas.

Teatro

O teatro, em um aspecto dialético e dinâmico, abrange uma questão totalmente expressiva quanto a sua formação e o envolvimento com as ações envolvidas pela sociedade. Quando assumido por indivíduos socialmente oprimidos, se constitui como arma de luta e reflexão do poder social.

Atualmente estamos vivendo incentivados por uma sociedade patriarcal, ainda vivemos unicamente dominados por ideologias retrógradas que um gênero impôs ao longo do processo histórico de constituição de mundo. Ao mesmo tempo é o momento de ascenso massivo das lutas feministas em muitos países, como Chile, Argentina, Espanha, com conquistas concretas, como a lei que legaliza o direito ao aborto.

Estamos constantemente sendo expostos a processos morais e étnicos, de uma era de culturas e hábitos antigos que reemergem em uma época de novas criações. As ações da humanidade, contadas pelos livros de história, dominadas por homens, nos remete a uma imposição de regras que nos distinguem por sexo, gênero e cor.

A linguagem é o gênero crucial da sobrevivência humana, pois a linguagem, através da fala, expressa a singularidade da necessidade do homem de se conectar com o mundo em que vive e com os objetos necessários para o seu uso. A linguagem humana, em sua totalidade, seja ela por desenhos, músicas, artes, teatro, se comunicam entre si, formando um grupo de conhecimento em que as ações transformam o ser.

A linguagem abordada pelas Artes expressa um poder de luta e visualização da realidade, de forma que o poder que a mesma expressa gera um conflito por parte de quem detém o poder do Capital quanto do lado de quem sofre as opressões, ou seja, as artes possibilitam o desvelar das visões ocultas do Oprimido.

A linguagem teatral, se não uma das linguagens mais importantes da história humana, exerce um poder e um impacto cultural, estético, político muito grande, ou seja, indaga a possibilidade do reconhecimento das pessoas sobre sua própria cultura e os instiga a se emancipar das modalidades de opressão.

O trabalho do teatro político, entendido em sua construção a partir de referências como o Teatro Épico de Brecht e Piscator, o teatro de agitação e propaganda e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, se consolida, como afirma Borges (2015), por meio da articulação dialética entre forma, conteúdo e modo de produção. Vemos o teatro político, portanto, como uma forma de vincular a escola no âmbito entre comunidade e ensino, transformando não só a forma de ensino, mas também a metodologia de abordagem das concepções entre a população da comunidade e qual o vínculo com os alunos e a escola. Se faz necessário essa singularidade de inserção das duas formas de conhecimento prévio de cada um.

A centralidade do teatro vem por meio de necessidade de uma discussão sobre uma realidade, seja ela fictícia ou real. Sendo mostrada como

entretenimento e de certa maneira mostrada como apelo e vontade de uma conscientização das pessoas. O teatro é usado com essas duas vertentes, seja para manipular ou entreter e para a libertação da consciência dos indivíduos.

A necessidade de uma maneira de se emancipar é uma confirmação de que estamos sendo forçados a nos incluir em uma maneira de tratamento totalmente contrárias às formas do capitalismo. A luta do povo é feita em busca de uma nação que trabalhe em prol do bem comum. Visando não o crescimento capitalista, mas sim o bem de todos.

Vivemos em uma conjuntura política de divisão do teatro, temos o teatro como espetáculo e o teatro político, como abordagem de um problema e a discussão sobre o mesmo.

Agitprop (teatro político)

A origem do teatro político se constata na ex-União Soviética, momentos antes da revolução Russa como o gênero Agitprop (agitação e propaganda), com os soldados que estavam lutando para defender as fronteiras do país. Nos frentes de batalha, surge a necessidade de conscientização por parte dos soldados, e assim, por meio das idas às vilas, os soldados passavam informações sobre os assuntos que a sociedade vivia e comunicavam-se com as pessoas.

Este teatro apela às massas para que fortaleçam a luta contra os exércitos brancos e estrangeiros, sem perder de vista a solidariedade do proletariado internacional e sua própria ação revolucionária. Por isso apela aos camponeses, operários e soldados, para que consolidem sua união nas frentes militar e econômica: camponeses devem remeter à cidade a parte mais importante de sua colheita e operários devem fabricar armas, uniformes e alimentos para os soldados. (MOREL, 2015, p. 55)

Este modelo de formação da consciência política e de revolução social, se dá por meio da deliberação da luta contínua por um bem comum: a formação e emancipação da sociedade soviética como um todo. Se configurando como metodologia de luta conjunta contra o poder burguês de dominação do povo.

O teatro russo de agitação está pois num cruzamento entre uma mobilização política do teatro a partir da direção revolucionária e uma corrente de massa, para a qual a transformação revolucionária das relações sociais implica numa mudança radical na prática teatral. (*Idem.* 2015, p. 60)

Aqui, o teatro surge com uma ideia de mobilização social, mostrando a necessidade de que o povo se encha de conhecimento político para que a transformação da realidade aconteça, buscando o crescimento comum, no caso a revolução. Com isso, a luta surte efeito, fazendo com que o povo lute em prol de todos: “O objetivo é claro: não se trata de criar contrainstituições mas, sobretudo, de fazer agitação em todos os setores da vida política, econômica, social e cultural”. (LUPI, 2015, p. 100)

No Brasil, seguindo a organização do Centro Popular de Cultura (CPC) e União Nacional dos Estudantes (UNE), quarenta anos após o surgimento do agitprop na União Soviética, o Brasil passa por um cenário político econômico, propício para a implementação de um modelo de cultura para a formação (crítica) dos indivíduos.

Augusto Boal é seguramente o mais importante veterano daquele momento criativo da história do teatro brasileiro, que aconteceu no final dos anos 1950 e iniciou dos anos de 1960, do qual o CPC é a parte mais importante de um ponto de vista político. (COSTA, 2015, p. 33)

As ações da UNE para com a formação dos estudantes nessa pedagogia de formação, foram totalmente quebradas com o golpe de 1964 com a implementação de medidas controversas: a ideia de revolução proposta pela mídia e pelas forças armadas.

O segundo momento da agitação e propaganda se dá ainda na década de 1980 com um novo modelo de agitprop criado pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), a mística, que já tem seu principal teórico, Ademar Bogo, e a entrada do Teatro do Oprimido no movimento em parceria do Coletivo Nacional de Cultura do MST com o Centro de Teatro do Oprimido (CTO).

E tem um sentido – que Ademar Bogo caracteriza como parte da mística do MST – o CTO ter ajudado o MST a escrever o primeiro capítulo da sua luta na frente teatral, pois há um vínculo profundo entre as formas do Teatro do Oprimido e as

diversas formas de teatro de agitação e propaganda inventadas pelos socialistas desde o final do século XIX que se multiplicaram durante a revolução soviética e no Brasil foram apenas esboçadas pelo CPC. (*Idem*, 2015, p. 33)

Teatro do Oprimido

O método de Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal trabalha com o reconhecimento e a autonomia do indivíduo oprimido dentro da sociedade. Buscando mostrar os métodos de opressão existentes dentro do meio em que ele vive, e tentando buscar uma forma de atuar contra essa realidade.

Em suas variadas formas, visa mostrar ao público, amplos meios de se resolver o problema apresentado dentro das realidades. O Teatro do Oprimido vem mostrando às comunidades tradicionais como combater as opressões impostas pela cultura industrializada e pela invasão dos latifundiários em suas propriedades.

Formando um método transparente de contínua formação intelectual e interdisciplinar, ou seja, se vinculando as necessidades específicas do seu sentido histórico. A ponto de contribuir para uma revolução interna e expandindo para as pessoas ao seu redor.

Pensando não só nesse aspecto de revolução interna, mas abordando as dificuldades perante seu meio social, Julian Boal, diz:

Numa conjuntura em que a dominação é apresentada como uma fatalidade sem fresta, em que tudo é negado enquanto política para ser explicado enquanto única gestão viável, mostrar que a contingência existe, que a realidade é somente uma das possibilidades que nos é ofertada, seja talvez a mais importante contribuição que o Teatro do Oprimido tenha a oferecer hoje. (BOAL, 2015, p. 85)

E continua:

O que é certo é que seu sentido não nos é dado de antemão e que, sob pena de nós mesmos nos tornarmos mecanizados, teremos sempre que averiguar nós mesmos o quanto as formas que o utilizamos nos servem, de fato, na luta contra o

novo e lamentável estado das coisas que nos rodeiam. (*Idem*. 2015, p. 85)

Vivemos em uma sociedade totalmente diferente do que se refere a uma sociedade que cresça junto com as pessoas. A expansão do agronegócio é a forma mais simples de expulsão dos jovens do campo. As atitudes do governo que assumiu após o golpe de 2016 e em seguida a chegada da extrema-direita ao poder nos remetem à retomada do povo a escravidão e a miséria.

O teatro vem sendo um espaço de debate sobre as atitudes deste governo. Dentro das escolas e nas ruas, podemos encontrar o poder que o teatro político tem e passa as pessoas, como a metodologia de trabalho qualifica a discussão destas questões sociais.

O teatro político, como tema de estudo dentro de sala de aula é um dos gêneros mais fortes do teatro, tem a finalidade de formar, informar e organizar, ou seja, busca, por meio de grupos e coletivos, a discussão sobre as questões sociais e transformar essas dificuldades em metodologia de discussão e conscientização por meio de peças e encenações.

A responsabilidade que esse gênero artístico tem sobre o trabalho de conscientização e informação é bastante complexo, pois a necessidade de transformar o pensamento das pessoas é constantemente impossibilitada pela força da mídia e dos meios de comunicação. A força que o capital e a classe burguesa exercem sobre as massas criminaliza as artes populares, como a censura aos grafites nos muros pelo governo Dória em São Paulo, e complica a transformação social.

Tanto para a formação quanto para a educação, se faz necessário o estudo do teatro político. É de suma importância o estudo de uma arte em que não busque só entretenimento, mas também o conhecimento e a construção do poder popular.

A abordagem das questões políticas e sociais das comunidades seria a forma de interação entre escola e comunidade. A implementação do teatro é necessária para a formação dos indivíduos, principalmente nas escolas, onde os alunos necessitam de um método mais dinâmico de aulas, não somente a mesma centralidade de aulas monótonas.

Segundo Augusto Boal “o teatro é uma arma e o povo é quem deve manejá-la”, assim podemos considerar que o teatro é a forma de maior valor

que agrega força e poder para as classes. É necessária uma luta constante contra a direita opressora que está nos consumindo diariamente com leis e atitudes totalmente contrárias a democracia e a constituição.

O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de Luta! É o teatro dos oprimidos, PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos e PELOS oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe ao silêncio e quem se retira o direito à existência plena. (BOAL, 1962-1973, p. 26)

A retirada da cultura artística do ensino escolar nos mostra como as barreiras da direita opressora estão se retorcendo com os sentidos que possibilitam a mediação entre as questões sociais da classe baixa. O que indaga a questão de como estamos diariamente sendo massacrados dentro do campo da Educação.

O processo de transformação se dá por intermédio do sentido consistente de como o teatro e seus gêneros podem agregar valor, no sentido educacional, e como sua metodologia confere sentido às lutas das classes menos favorecidas. Transfigurando o poder não só de quem domina as massas, mas de quem conquista e transforma a sua condição.

Precisamos intensificar não só o conhecimento dos alunos, mas também dos educadores como um todo. O teatro deve ser sentido e usado como armas nas mãos dos menos favorecidos, como processo de luta e reconhecimento como povo atuante de uma realidade. Devemos começar quebrando os estereótipos do povo do campo, como dito, nas festas comemorativas da “cultura camponesa”.

O atual governo profascista⁸ insiste que a formação e o ensino das linguagens dentro das escolas não têm importância alguma para a formação dos indivíduos. A reforma do ensino médio, implementada no governo Temer, por exemplo, consiste em modificar a grade curricular e retirar disciplinas que fazem pensar e criar a criticidade, como artes e filosofia. Isso se faz pela

⁸ “Sistema político que se pauta no fascismo, no despotismo, na violência, na censura, caracterizado por um governo antidemocrático”, conforme <https://www.dicio.com.br/protofascismo>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.

complexidade da direita manter um discurso retrógrado de incapacitar o poder popular das classes trabalhadoras.

Se colocarmos em prática a discussão desses termos, poderemos avançar como juventude e escola política no sentido de debater as desigualdades sociais com as quais estamos diariamente sendo expostos. A retirada das artes do ensino escolar, a exemplo de uma das medidas da reforma do ensino médio, implementada pelo governo Temer (2016-2018), não permite que os alunos tenham uma disciplina que possa incentivá-los politicamente. Ainda se faz necessário, uma continuação do trabalho, tanto pedagógico quanto formativo no sentido do ser individual, para a transformação das necessidades básicas de sobrevivência dos seres humanos. O teatro é a vertente que possibilita a interação entre formação escolar e formação social. Precisamos manter o ensino da arte política como formação de arma intelectual e formação para a luta popular.

Formação da consciência política

Em conexão com o debate da aproximação entre arte e política, pensamos a ideia da formação de uma consciência política. Quando se trata desta formação da consciência, abrimos debate acerca do poder de formação de consciência como ser humano, a partir da necessidade de se enquadrar em um mundo de seres de sua espécie, que falam, constroem, lutam, guerreiam, etc. A partir deste sentido, o ser humano está socialmente necessitado a se incluir em normas e padrões que já são impostos antes mesmo de nascer.

O primeiro modo de formação da consciência com o qual podemos relatar, se dá dentro de casa, pela família com a formação dos pais, irmãos e/ou parentes mais próximos. Essa formação em que o indivíduo irá se formar, pode ser vista que formará tanto para bem quanto para mal, dependerá muito dessa formação preexistente com o qual os familiares estarão formados, se aperfeiçoando das ideologias já colocadas na consciência destes seres.

Segundo Marx, a existência humana constitui-se em determinadas condições históricas que demarcam as possibilidades de desenvolvimento de sua condição. Sendo assim, as possibilidades de o homem efetivar-se na realidade

objetiva são determinadas pelo modo de produção material. Para compreender uma determinada sociedade, basta compreender sua estrutura produtiva. (OLIVEIRA, 2005, p. 312)

Ou seja, para a construção do ser social, do homem, é necessária uma compreensão do meio com o qual ele é constituído, visando as relações com as quais ele vem se materializando no mundo que vive. Quando o ser humano começa a interagir com outro semelhante, as interações de sua construção são feitas, assim, seu mundo começa a ser constituído e formado. A construção do ser social se dá pela flagelação da formação do indivíduo.

O ser humano social, ou somente ser social, é o ser que se vincula ao mundo de forma a interagir e gerir seus meios de consistência e formação, desde os aspectos do trabalho, da autonomia da fala, da interação com seu meio ambiente, aos meios gerais de mudança de sua realidade.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza [...]. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 1998, p. 142)

A formação da consciência política e social se constrói juntamente com a educação, quando esta educação não é transformadora, a ideia é que o indivíduo seja a cópia de outros seres iguais, sem autonomia da sua própria existência. Fazendo com que as suas ações sejam ligadas a modelos já construídos de transformação de mundo.

Ou seja, o ser humano já nasce incluído em um mundo totalmente contraditório e julgador, onde o poder de decisão do que se quer ser só pode ser autorizado se o indivíduo seguir suas normas e padrões. Sendo que as decisões tomadas por cada um são constituídas a partir do seu modo de vida, da sua consciência e de suas próprias escolhas.

Quando essa necessidade de construção e emancipação individual encontra sentidos divergentes as suas ideologias, seu modelo de vida e consciência são mudados e constituídos. Ou seja, a fragmentação da construção do meio social com o qual cada indivíduo se insere, faz com que

ele se neutralize de modo que suas ações não sejam mais impostas ou já criadas para ele. “Dessa forma, é no momento de confronto com suas necessidades que a consciência humana realiza-se”. (OLIVEIRA, 2005, p. 314)

A sociedade hoje, com o qual estes indivíduos sociais são inseridos, é feita e construída a partir de preconceitos e formações com as quais os transformam em moldes de outros moldes. Seja pela orientação sexual, cor, estilo de vida, gênero dentre outros meios que são criados ao longo de processos históricos.

A sociedade capitalista, se configura em um modelo de sociedade em que o indivíduo é criado para o consumo e para a venda de sua força de trabalho, sem vínculo com suas necessidades de sobrevivência e de sua constituição como ser atuante de uma sociedade.

Segundo Adorno, a sociedade capitalista converteu-se em uma sociedade inteiramente administrada pelos interesses do capital em detrimento dos interesses humanos. Permeado pela irracionalidade, o progresso converteu-se em progresso da dominação e transformou a consciência em sua presa fácil. (OLIVEIRA, 2005, p. 320)

Como já falado, as características dessa sociedade é dar pré-requisitos para cada indivíduo, onde quem nasce pobre deverá permanecer pobre até morrer, quem nasce negro, por uma ação histórica deverá ser submisso aos que se denominam seres de outra cor, como também quem nasce mulher deve ser submissa ao homem. Isso são características que são criadas ao longo de um processo histórico de formação da sociedade.

Na música “A vida é um desafio” do grupo Racionais MC’s, diz:

Desde cedo a mãe da gente fala assim: 'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.' Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como? Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez. E sempre foi assim. Você vai escolher o que tiver mais perto de você, O que tiver dentro da

sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? (Racionais Mc's, 2002)

Assim, faz uma explicação dessa sociedade como trata os negros, os pobres, homens e mulheres periféricos, onde já nascem com um pré-conceito formado de que para não se submeter a miséria e ao descaso a pessoa deve ser pelo menos duas ou cem vezes melhor que o restantes da sociedade, o que nos remete que o mundo com o qual vivemos, é um mundo separatista e desolador que nos impede de crescer como alguns outros grupos menores dentro da sociedade.

A formação dessa consciência está ligada ao modo com que uma classe dominante impede os modos de emancipação as classes dominadas, ou seja, os meios com que a classe dominada tem para se libertar são escassos, e os mais relevantes são neutralizados para que essa classe receba somente o básico de informação para se conscientizar.

A exemplo disso, temos a educação, um dos principais meios de emancipação das pessoas, onde o descaso com a mesma faz com que a formação seja feita somente para que o indivíduo dominado cresça e aprenda que no mundo ele deve vender a sua força de trabalho, tendo como base os pré-requisitos de inclusão que é a “dignidade no trabalho”. Valoriza-se quem tem um trabalho e desvaloriza quem luta por um diploma.

O indivíduo é colocado dentro de uma sala de aula por no mínimo 12 anos, onde aprende o básico da leitura, a soma e subtração de números, e que sai da escola sem nenhuma formação para inclusão no mundo fora dela. Visando a procura de um trabalho, este indivíduo perde anos para que possa se constituir e se incluir neste mundo que até então era só desenhado pelos professores dentro da sala de aula.

Essa ideologia de acesso ao conhecimento ou de sua libertação não é tão viável propriamente pela ideia de alienação em que a classe dominante exerce sobre a classe dominada. Ou seja, como estes meios de opressão são enraizados nas ideologias do oprimido, fazendo com que o mesmo acabe por aceitar a forma de opressão acreditando que não é oprimido.

Segundo Iasi:

A alienação não é o mesmo que ideologia e dela diferencia-se substancialmente. A alienação que expressa-se na primeira forma da consciência é subjetiva, profundamente enraizada como carga afetiva, baseada em modelos e identificações de fundo psicológico. A ideologia agirá sobre esta base e se servirá de duas características fundamentais para exercer uma dominação que, agindo de fora para dentro, encontra nos indivíduos um suporte para que estabeleça-se subjetivamente. (IASI, 1999, P. 24)

E completa: “As relações sociais determinantes, baseadas na propriedade privada capitalista e no assalariamento da força de trabalho, geram as condições para que a atividade humana aliene ao invés de humanizar.” (IASI, 1999, p. 25)

Ou seja, as complexidades em que os modos de alienação, se pegando o exemplo do ensino escolar, abarcam, são tragicamente inseridos e reforçados ao longo do processo de ensino. O indivíduo social se enquadra em movimentos de consolidação da sua própria alienação visando não a sua libertação social, mas acreditando que as grades que o prendem são a única forma de mantê-lo vivo e atuante.

Como os pré-conceitos que já são criados desde os antepassados para se manterem dentro do mesmo nível de flagelação, atualizando somente para os novos meios de mudança da sociedade, eles se vinculam a um conceito cultural em que as ações são e devem ser continuadas para que se perpetuem e continuem sendo trabalhadas a serviço dessa classe dominante.

Segundo Adorno (1993), “a cultura cria a ilusão de uma sociedade digna do homem que não existe; ela escamoteia as condições materiais com base nas quais são produzidas todas as obras humanas [...] Trata-se da noção da cultura como ideologia” (p. 48). Essa ideologia ceifa dos sujeitos a possibilidade de perceber a sua dominação, impedindo-o de se libertar dela. Estes converteram-se em obedientes instrumentos da ordem vigente, possibilitando a manutenção do existente por meio de uma adaptação passiva às leis da irracionalidade. A compreensão das condições de perpetuação da dominação, presente na sociedade atual, seja no indivíduo, seja na cultura, seria o primeiro passo para a sua eliminação, para uma transformação social. (OLIVEIRA, 2005, p. 320)

Portanto, a luta de classes, não somente de uma classe, nada mais é que a luta pela libertação dos meios de opressão vinculados a classe dominante, um processo em que o movimento histórico da burguesia sobre a classe trabalhadora que se vincula em um sentido de impedir o desenvolvimento de sua consciência de classe, e neutralizar a sua mais valiosa arma de luta. Quanto mais esse ser que se inclui a um grupo de classe oprimida, se der conta dos modos em que o opressor o constrói, quanto mais será possível desenvolver ações sociais onde as consequências serão a construção de outro mundo viável a sua consolidação como ser humano livre.

A formação da consciência, portanto consiste na tomada de decisões de informação crítica para uma formação do meio social no geral, ou seja, “que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26).

As ações de cada indivíduo para com essas problemáticas que interferem na formação de uma resolução ou tomada de decisões que os transformam em um ser social de consciência. Vendo que a consciência não é só o modo com que o indivíduo consiga pensar, mas que consiga pensar, questionar e tomar decisões quanto ao seu pensamento e o que os fez inquietar-se dentro de sua realidade.

Assim, os desafios de uma sociedade ou realidade se apresenta como um desafio que precisa ser desenvolvido de maneira única e original, no entanto, as respostas para estes desafios são inúmeras, o que consiste que cada resposta será emitida de uma maneira diferente se vinculando a cada ser social, então, a resposta com que cada um de nós dá a um certo desafio, não transforma somente a realidade com a qual encaramos diretamente, mas sim, a nós mesmos, cada vez mais e sempre de uma forma diferente. Isso então que se constitui a formação da consciência de um ser social.

Política da juventude

A inclusão da juventude no panorama político é um dos temas mais importantes da construção democrática mundial. No Brasil, houve uma tomada

de força da juventude nas manifestações de junho de 2013, quando se iniciou um grande ato político da população contra o aumento das passagens.

A juventude surgiu como uma arma contra as opressões por conta do estado. A juventude negra deu início a vários métodos de se impor perante a sociedade e mostrar o seu valor como ser humano negro. Seus trabalhos deram início ao fortalecimento de movimentos negro-feministas e movimentos que dessem voz e força para a comunidade negra.

Os jovens, em um contexto geral, iniciaram uma formação contra os modelos de democracia que não beneficiavam o povo. A força nas ruas, a luta por igualdade e reconhecimento, fizeram do país um lugar de lutas contra o processo desigual do capital. Tornando-se incapaz de subsidiar exploração dos jovens e adultos no país.

No início de 2016, o Brasil sofre uma grande derrota na política com o golpe midiático arquitetado para o impeachment de Dilma Rousseff, estabelecendo no poder um governo neoliberal voltado as pautas da elite brasileira.

No mesmo ano, a juventude se impõe contra as demandas de opressão do sistema e retorna com as ocupações nas escolas em vários estados do país, dando início a uma luta constante contra o fechamento das escolas e em seguida contra a PEC 241, que por decorrência dos protestos veio a se tornar a PEC 55 pelo governo interino golpista.

A juventude se une por todo o país com a intenção de barrar a medida provisória que mudaria a forma de ensino do Ensino Médio, visando barrar o crescimento político e ideológico dos jovens. Sendo ocupadas não somente as escolas, mas também as universidades como ocorreu com a Universidade de Brasília pelos estudantes, dando apoio as escolas ocupadas.

Todo este processo de ocupações e empedramento da juventude não surtiu o efeito para parar os avanços retrógados contra a educação, mas por outro lado, mostrou e facilitou que outros grupos oprimidos buscassem sua emancipação contra o opressor.

Não é de hoje que temos um grande embate da juventude nos espaços políticos. Isso possibilitou a formação de grupos de debate e movimentação política tendo como base as discussões no cenário brasileiro. A juventude vem

se armando, não com armas, mas de poder intelectual contra o poder da democracia burguesa e capitalista.

Nas comunidades rurais a juventude não está desvinculada da luta, está ligada também aos processos de aprendizado de reuniões e discussões das associações, tais como a deliberação de recurso para a formação de plantações orgânicas para os moradores, para que os mesmos não sejam obrigados a se submeter a plantação sob medida do agronegócio, formando-se com grupos de dança e música políticas, relatando as questões pertinentes ao processo histórico das comunidades.

As dificuldades que essa juventude enfrenta são os estereótipos que a sociedade impõe para ela, taxando os jovens como vândalos e vagabundos, sem perspectiva de vida ou luta social. São por muitas vezes associados ao tráfico e ao crime sem mesmo estarem inseridos nesse meio. São vendidos ao mundo moderno e subjugados em um mundo desconhecido e perigoso.

A dificuldade de acesso às políticas públicas é, na maioria das vezes, o obstáculo que leva os jovens a desistirem da luta política e se acomodarem em um mundo que não é propício para o seu desenvolvimento. Por muitas vezes, são questionados se são felizes em um cenário em que a desumanização é normal para com estes jovens.

É neste contexto que trago a experiência da juventude do Assentamento Itaúna na arte política, com enfoque no Coletivo de Teatro Consciência e Arte, que apresentamos neste capítulo e seguimos na análise de uma peça no capítulo 3, e no grupo de rap Ant’Cistema.

Coletivo de Teatro Consciência e Arte



Foto: Coletivo de Teatro Consciência e Arte

O coletivo de teatro Consciência e Arte tem início com a proposta do Programa de Extensão Terra em Cena da Universidade de Brasília⁹, com o intuito de formação da juventude rural e quilombola, em uma ideia de transformação social e emancipação destes jovens.

Sendo formado no mesmo período que outros grupos como o Coletivo Arte Cultura em Movimento do assentamento Virgilândia, município de Formosa GO, e o grupo Arte Kalunga Matec de Cavalcante GO, veio se constituindo a base de tempos de estudo e reflexão quanto aos problemas sociais pertencentes as suas comunidades de origem.

O grupo tem início em 2012 com as estudantes do curso de Licenciatura em Educação do campo, Ivandice, Ivaldete e Luzilene, reunindo os jovens no barracão de telhas da comunidade, onde funcionava como espaço de reuniões da associação e sala de aula. Posteriormente, a coordenação do grupo foi assumida pelas estudantes Gleciene e Neuza, dando continuidade aos trabalhos de formação.

Após muitos momentos de estudo e reflexão, o grupo começou a escrever a sua primeira obra teatral chamada “A invasão do agronegócio nos

⁹ “O Coletivo Terra em Cena é um Programa de Extensão da Universidade de Brasília, criado em 2010, que promove uma ação articulada entre as dimensões do ensino, extensão e pesquisa, no âmbito da linguagem teatral, em comunidades de acampamento, assentamento e no território quilombola dos Kalunga” (ROCHA et al., 2015, p.21).

assentamentos”. Tendo como base para sua formação, as famílias mais antigas que residiam na comunidade, e se adaptando ao cenário político social que se estabeleceu na região com o intenso uso de agrotóxicos nos arrendamentos.

Ainda em 2012, o grupo faz a sua primeira apresentação na escola Municipal Flor da Terra, localizada no assentamento Flor da Serra, Município de Planaltina-GO, tendo como plateia a comunidade da escola, estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, professor Rafael Villas Bôas, coordenador do Terra em Cena, e famílias da comunidade.

Após este experimento, o grupo é convidado para apresentar a peça em várias localidades do estado de Goiás, Distrito Federal e entorno, tendo sempre como base a proposta de uma discussão crítica ao agronegócio e como metodologia de aprendizado e conhecimento dos processos históricos de opressão e seus modelos de manipulação.

Em 2013, o grupo e mais jovens da comunidade Itaúna, foram convidados para participar do curso de Formação Agroecológica e Cidadã, formado pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), somando com mais 300 jovens dos estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, e Mato Grosso do Sul.

Este curso, com carga horária de dois anos, tinha uma proposta de formação para jovens e adultos de comunidades tradicionais, visando à formação e transformação social. Com atividades de formação política, nas artes como Teatro e Música e na formação na perspectiva de um modelo de produção agroecológico e agricultura familiar.

Após o fim da primeira etapa do curso, o grupo se apresenta na Mostra Terra em Cena e na Tela no campus de Planaltina da Universidade de Brasília, entre os dias 13 e 16 de agosto de 2013. Abrangendo ainda mais o trabalho com o teatro e o estudo da dramaturgia.

Em 2014 o grupo se apresenta no I seminário de dramaturgia “Terra em Cena”, aqui o grupo já se encontrava com um número gigantesco de atores e atrizes, com a peça ainda mais desenvolvida e trabalhada.

Em 2015, o grupo se apresenta no Congresso Nacional Residência Agrária em 15 de agosto de 2015, tendo participação ativa dos membros nas

atividades do evento. Tendo estes espaços de apresentação alguns dos mais importantes para a formação.

No decorrer das atividades o grupo participou de inúmeros eventos e apresentou em várias comunidades, a exemplo a comunidade Virgilândia, que também contava com um grupo de teatro, tendo sempre o princípio de informação e estudo da realidade vivida. Utilizando de momentos cômicos para trabalhar assuntos sérios.

Com estas apresentações e debates, os integrantes compreendiam que o problema com o agronegócio não era somente deles, pois também havia no Virgilândia a questão da expansão com o plantio de cana de açúcar e no território Kalunga a expansão da mineração em território protegido.

O grupo se perpetuou até meados de 2017. O fim do grupo se deu justamente por dois pontos em que o debate do grupo era gerado: os problemas da saída do jovem do campo e da invasão do agronegócio. Muitos destes jovens foram terminando o ensino médio e já estavam sem perspectiva de continuar no campo, saindo em busca de trabalho e de facilidade na construção da sua vida individual.

Além da problemática da invasão do agronegócio dentro da comunidade houve ainda implantação de uma empresa de grande porte para lavar e selecionar batatas par exportação, com isso possibilitou muito o emprego de praticamente todos os moradores da comunidade.

Por esta questão de trabalho terceirizado, não sobrou tempo para as atividades do teatro, vindo assim a decisão coletiva de que o grupo teria o seu encerramento por dificuldade desta continuidade de reuniões. Hoje, muitos já foram embora da comunidade e outros ainda estão dentro da empresa.

Mesmo com esse término, supõe-se que acabou a organização social dentro da comunidade, mas ainda há estudantes já formados na Educação do Campo que estão se propondo a dar continuidade aos trabalhos teatrais. Trabalhando com uma nova geração as discussões sociais dentro da comunidade. Trabalhando também com a formação das mulheres da comunidade.

Histórico do Rap

Antes de apresentarmos a experiência do grupo de rap Ant’Cistema, vejamos brevemente aspectos sobre a história do rap e da cultura hiphop. O rap, do inglês *rhythmandpoetry* (ritmo e poesia) é de origem jamaicana, apareceu por volta dos anos 1960 nos guetos e nas periferias. Os sons eram instalados pelas ruas, tendo sempre um DJ e um “toaster” (que fala durante a execução da música), que mais tarde vieram a se tornar os MC’s (Mestre de Cerimônia).

Um dos fatores da criação do Rap foi a questão da pobreza dos bairros periféricos, onde as festas das classes dominantes sempre haviam profissionais com mesas amplificadas de reprodução de música, e não havia como as pessoas sem poder aquisitivo adquirir algum desses instrumentos.

Surge então a necessidade de criação desses instrumentos. Com batuques e mixagem de músicas da época, se cria a batida que hoje se denomina a cultura do Rap. As instrumentais eram sempre improvisadas, pois não havia como grava-las.

A muito se acredita que o Rap tenha uma ligação com o Funk, que um teria sido criado a partir do outro. Porém o Rap está associado mais ao Reggae jamaicano, pois há uma singularidade nos processos de criação de música da época.

Acredita-se que o rap tenha sido a força para o hip hop, pois muitos jovens emigraram para os Estados Unidos, em razão dos problemas políticos e econômicos que o país passava na época, através de KoolHerc, um dos maiores DJs.

O surgimento do hip hop também é marcado pela opressão social sofrida pelas classes oprimidas, porém nos Estados Unidos, já na década de 1970. Da mesma forma, os jovens passaram a reivindicar seus direitos, através de letras musicais ritmadas e poéticas, porém um tanto quanto hostis.

O hip hop é uma cultura criada nas ruas, através da união desses jovens de periferias, atrelando a expressão de quatro vertentes artísticas: o grafite, os DJs, os MCings (rimas improvisadas) e o break (estilo de dança).

Desses movimentos surgem as letras agressivas e questionadoras, contra as imposições das leis, as injustiças sociais, violência nas favelas, a desvalorização do negro na sociedade, sexo, drogas, dentre outros.

No Brasil, o Rap tem início no final da década de 1980, com grupos periféricos que se reuniam na Galeria 24 de maio e na estação São Bento do metrô de São Paulo, lugar onde o movimento punk começava a surgir. Nessa época as pessoas não aceitavam o rap por ser de bairros periféricos, e por acharem as letras muito agressivas.

O primeiro álbum de rap brasileiro que se tem notícia é “A ousadia do Rap”, lançado em 1987 pela equipe Kaskatas. em 1988 é lançado Hip Hop CULTURA DE RUA, no mesmo ano, a segunda coletânea foi lançada e projetou um dos maiores grupos da história do rap brasileiro, o Racionais MC’S. Formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue, KL Jay, o grupo apresentou para a mídia um rap voltado mais para a desigualdade na periferia e as injustiças sociais com a raça e a cor dos membros.

A cultura do hiphop, vem de um longo processo de lutas tanto de resistência da população negra, quanto de emancipação e aceitação do movimento dentro da sociedade. Não é de hoje que vemos que o movimento está associado ao crime, ao tráfico, e as comunidades subdesenvolvidas das grandes cidades.

O rap no Brasil começa seu processo de criação no fim da década de 1980, com os Racionais MC’s. com um repertório musical bastante militante e que visava mostrar a realidade dos jovens dos bairros periféricos de São Paulo. Formando e dando voz a essa juventude, passando por onde suas músicas eram tocadas e que ainda fazem um grande sucesso até os dias atuais.

No assentamento Itaúna, localizado no Município de Planaltina de Goiás, o grupo de rap Ant’Cistema desenvolve ações com essa luta pela preservação das culturas dentro da comunidade. Porem vão sendo questionadas ao longo do processo de desmitificação da ideologia do hiphop. Dentro da comunidade ainda existe uma grande resistência quanto a aceitação do rap. O preconceito ao estilo musical ainda prevalece.

O grupo produz ações em conjunto com a juventude para o combate às desigualdades que estão inseridas dentro da comunidade. Com oficinas de hiphop, estêncil, produção de poesias. Trabalham também em conjunto com o grupo de Teatro Consciência e Arte, produzindo as músicas que estão sempre nos trabalhos criados.

Dentro da comunidade há várias questões políticas que devem ser debatidas em conjunto com a juventude, pois a mesma também tem argumentos e sugestões pertinentes que possam estar ligados ao processo construtivista em coletivo. Tais como:

- Como o rap pode conciliar a reivindicação do saneamento básico para dentro da comunidade?
- As intervenções culturais do hip hop (música, poesia, estêncil, grafite) podem interferir nas questões políticas da associação da comunidade?
- Como a poesia poderá mostrar a defesa de um modelo de produção diferente do que acontece atualmente, que é a produção de monocultura dos arrendamentos nos lotes dos moradores?
- A escola pode inserir a musicalidade como projeto de ensino?
- Como a comunidade considera as propostas da cultura do hiphop?
- Podem os grupos culturais organizados transformar seu trabalho em subsistência para a comunidade?
- Pode o rap dar voz e resistência para a juventude rural?

A falta de assistência quanto ao saneamento básico. Os arrendamentos clandestinos, que são proibidos por lei em terras conquistadas pela reforma agrária, que vem tomando todo o terreno dos assentados. Os políticos corruptos que estão no poder da associação. A escola que queremos e necessitamos, que nos foi garantida, mas que não temos como construí-la.

Portanto, o rap vem como voz e resistência para essa juventude. Dando apoio às ideologias e ações pertinentes às questões político-sociais que enfrentamos. Necessita-se bater de frente com a problemática da aceitação do movimento dentro da comunidade, visando a cultura como base de luta para a juventude rural.

É necessário salientar que a cultura do hip hop sofre bastante preconceito em toda e qualquer sociedade. A ligação com a criminalidade e aos lados “errados” da vida, que geram instabilidade nas ideologias das pessoas, fazem com que haja esse medo de conhecer e apoiar o movimento.

Nas comunidades rurais a juventude muitas vezes não tem voz na associação e discussões referente às questões políticas. Suas atitudes não

são vistas com respeito, onde faz com o jovem perca a vontade de estar ligado aos processos de luta dentro de suas comunidades.

A questão que devemos desmitificar é esse estereótipo que a sociedade insiste em manter dos grupos que lutam pela igualdade social. A juventude tem os seus meios de se argumentar perante as injurias e opressões que a cercam. O rap dá o sentido que se necessita para ir contra essas opressões sociais.

Ant’Cistema



Foto: Levante Popular da Juventude

O grupo de rap Ant'Cistema, tem início a partir da primeira etapa do curso de Formação Agroecológica e Cidadã, após a iniciativa de um de seus integrantes, Cássio, que me convida para criar o grupo. Nós dois éramos membros do coletivo Consciência e Arte, vendo que havia um domínio nas rimas e na poesia, decidimos criar então o grupo de Rap.

Uma das primeiras tarefas do grupo era buscar quem seriam os integrantes do grupo. Foi feito então a proposta após uma das reuniões do grupo de teatro para os demais que pudessem participar e agregar-se aos dois integrantes. O grupo então, teve início com 4 integrantes, Junior, Cássio, Vitor e Bruno.

A princípio, com a imensa colisão cultural da música sertaneja, do funk e do rap, o grupo apresentou dificuldades para formar a sua identidade. As primeiras músicas do grupo tinham como inspiração cantores que faziam sucesso no momento, como Naldo Benny e a música "Vodka ou água de coco". Com letras sobre bebidas, carros, drogas e tratando da mulher como objeto.

A segunda tarefa, era buscar o nome do grupo, surge assim, uma imensidão de possibilidades sobre qual seria. Após uma votação, o nome do grupo ficou como "Ant'Cistema", tendo como ideia a rebeldia e a não aceitação das regras impostas pelo sistema aos jovens, começando as contradições pelo próprio nome do grupo ao escrever sistema com C e não com S.

Sem um envolvimento e conhecimento da cultura hip hop, o grupo se constituía através dos sonhos e da forte cultura musical do funk. No mesmo ano, o coletivo de Teatro Consciência e Arte, foi convidado a participar de um Sarau hip hop no Gama, pelo coletivo Artsam, que promove ações culturais e sociais no DF. O sarau consistia em formar os jovens e adultos participantes sobre movimentos de cultura popular e movimentos sociais, com palestras do Levante Popular da Juventude e MST.

Neste espaço, a maioria dos presentes, eram do movimento hip hop, as falas, as músicas, mostraram não só para o coletivo de teatro, mas também para o grupo de rap, qual a verdadeira intenção das lutas deste movimento. Com isso o grupo passa a assumir uma identidade de luta social e crítica da sociedade. Visando não o lucro material, mas sim a expansão da informação e da luta por direitos.

Neste momento o grupo estava em busca por ideias mais amplas, e não com uma mentalidade proporcional ao que a mídia remete e os faz acreditar. O momento mais impactante na ideia de questionamentos das impunidades e preconceitos surgiu ainda em uma das etapas do curso de formação Agroecológica e Cidadã, quando a coordenação usou em suas palavras que rap e funk não eram culturas, e fez questionamentos ao teatro político. O grupo viu então a oportunidade de se impor e mostrar o seu valor fazendo uma música falando destas realidades e do que realmente é a cultura do jovem do campo e das periferias.

Quebrando preconceitos sobre como deve se comportar a juventude do campo e/ou que estilos musicais devem ouvir, o grupo de rap dá início a sua gravação do primeiro CD em 2014 com músicas reflexivas e críticas ao governo e ao sistema. Transformando não só a sua identidade, mas também de sua comunidade.

Ainda no mesmo ano o grupo disparou em apresentações nos estados de Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal, fazendo participações em grandes eventos como a Feira da Reforma Agrária em 2016 organizada pelo MST em Planaltina e apoiando e participando de movimentos estudantis como a ocupação da Universidade de Brasília no mesmo ano.

Atualmente o grupo se encontra com dois representantes, Vitor e Júnior, com 22 músicas gravadas e com projetos de oficinas de hip hop nas escolas rurais de sua região. Com a intenção de gravar o segundo CD expondo e fazendo críticas as atitudes do governo e as impunidades que acontecem na sociedade.

CAPÍTULO III-Análise da peça A invasão do Agronegócio nos Assentamentos do Grupo de Teatro Consciência e Arte

Com a intencionalidade de aprofundar a reflexão sobre a arte política em nossa pesquisa, neste capítulo realizamos a contextualização e a análise de um trabalho do Coletivo de Teatro Consciência e Arte criada com a juventude do Assentamento Itaúna. Trata-se de uma reflexão com minha participação enquanto membro do grupo, mas que busca também somar outras vozes e reflexões no decorrer da análise.

Peça e o contexto social

A concepção inicial da peça¹⁰ foi apresentada para o grupo Consciência e Arte por três integrantes, Junior, Guilherme e Deverson, sendo posteriormente finalizada pelo coletivo. Juntamente com os ensaios, todos os membros do grupo iam moldando a peça até se tornar completa. A peça foi

¹⁰ Vide texto da peça na íntegra no Anexo 1.

baseada, como ponto de partida, nos avós dos integrantes do grupo, com as histórias de vida e as relações com a terra.

Os personagens principais foram inspirados nos moradores mais velhos da comunidade e, por fazerem parte de um conjunto de pessoas que serviram de inspiração para a criação artística, eles não têm nomes. São, portanto, idealizados nas relações entre os pais e filhos dentro de casa.

A ideia de se basear na agroecologia foi inspirada em moradores que faziam cursos com o tema e que sempre incentivavam os jovens a entender sobre este assunto. Deste modo, a superação do agronegócio era justamente implementar as ideologias e práticas da produção orgânica e de forma consciente em que não se agrida o meio ambiente.

A inspiração deu-se ainda pela constante invasão do agronegócio nas parcelas, sendo vista pelos pais como geração de renda e pelos filhos como modelo errado de produção e perigoso à saúde das famílias.

Segundo Gleciane Cezário, graduada na Licenciatura em Educação do Campo, e uma das fundadoras do Consciência e Arte a partir do Terra em Cena:

Durante o processo de construção do conhecimento junto ao grupo com mais de 20 jovens integrantes do grupo Consciência e Arte, havia ainda na mentalidade dos assentados a preocupação com a produção de alimentos para venda e subsistência, tanto que nosso trabalho teve amplo reconhecimento por parte da comunidade. Inclusive a peça “A invasão do Agronegócio nos Assentamentos” foi uma construção coletiva com base em diagnósticos dos pais e dos jovens participantes. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

Desta forma, o argumento do grupo de teatro era representar o que acontece aos olhos das pessoas, mas ninguém se propõe a fazer algo, neste sentido a peça viria como um alerta aos arrendamentos. Evidentemente, esse debate gerou conflitos internos ao território, ao ponto das ameaças dos pais dos integrantes do grupo serem constantes, pois diziam que o fato de falar mal dos arrendamentos era uma forma de tirar as rendas das famílias.

A peça aborda não só os arrendamentos, mas também o machismo presente nas relações de assinar contrato de arrendamento entre os maridos e as esposas. Mostra também o descaso dos hospitais públicos e a relação

entre empresas do agronegócio que fabricam inseticidas e posteriormente os remédios para curar as doenças causadas por eles mesmos.

A peça mostra também a relação de poder entre fazendeiros e pequenos produtores, mostrando de forma escancarada o aliciamento sofrido pelos moradores, uma vez que os fazendeiros prometem muitas melhorias e não falam das consequências. Insistem na geração de renda, mas não informam, por exemplo, como irão secar as nascentes e que faltará água potável para as famílias.

Explora também como a comunidade enxerga a produção orgânica livre de intensivos químicos. Dando a entender que há possibilidade das famílias mudarem para um modelo de produção que realmente gere renda e não atrapalhe o meio ambiente.

Personagens

Todos os personagens criados para a peça foram inspirados nas famílias do assentamento Itaúna, e das relações interpessoais entre cada um e do dia a dia recorrente das pessoas. Vejamos sua caracterização:

- Militantes 1 e 2: personagens que dão início aos protestos contra o agronegócio e os arrendamentos, mortos pelos capangas do fazendeiro.
- Capangas: personagens secundários responsáveis pelas ações criminais que o fazendeiro manda fazer, também responsáveis para crescer o fazendeiro como indivíduo perigoso e protegido.
- Fazendeiro: o fazendeiro foi inspirado em recortes de todos os fazendeiros que buscam o arrendamento dentro do assentamento. Sendo uma junção de características observadas pelos jovens no contato entre seus pais e os fazendeiros. Um homem carismático e influenciador, que busca nas palavras bonitas e no sarcasmo aliciar os moradores fazendo com que cedam facilmente ao seu interesse.
- Compadre 1: amigo do compadre 2, é bastante influenciado pelo amigo, mesmo com uma noção de perigo acaba sempre cedendo às decisões do

amigo. Tendo também as mesmas noções de produção e mesmo sonho, sempre busca manter a cultura passada pelos antepassados. Desde sempre tem uma visão e reconhece as intenções do fazendeiro, mas pelo amigo ignora o que acha e o que acredita ser verdade.

- Compadre 2: também criado a partir de um senhor da comunidade, sua história de vida é baseada em histórias reais contadas por avós dos integrantes do grupo de teatro. Com experiência de vida em cultivo em contato com a natureza, mas a certo ponto ambicioso, facilmente aliciado pelo fazendeiro. Tanto pela necessidade de cultivar na sua terra, sonho desde a época de acampamento, onde consistia em conseguir a terra para dela sobreviver. Machista e bruto, onde o diálogo com a esposa dá-se de forma abusiva, onde as decisões tomadas são unicamente por ele.

- Vizinho: indivíduo mais jovem, acredita na produção orgânica e na agroecologia, mesmo sendo ignorado pela comunidade por insistir neste modelo de produção, não desiste de tentar incentivar mais moradores para seguir no mesmo caminho.

- Esposa: reconhece a brutalidade e o machismo do marido, mas por uma relação de amor por ele, continua na relação. Bem entendida da vida e dos problemas do agronegócio, insiste para que o marido não arrende, mas sem diálogo, apenas aceita as ideologias do marido, como a opção de ter filho.

- Médico 1: personagem secundário responsável por dar a notícia ao compadre 2 que sua filha está intoxicada pelo uso de agrotóxicos. Trazendo dados em sua fala.

- Médico 2: personagem secundário responsável por cuidar da esposa e indicar um psicólogo para os compadres para que busquem ajuda profissional para cuidar da mulher. Também trazendo dados causados pelo uso de agrotóxicos.

- Psicólogo: personagem secundário responsável por orientar os compadres aos cuidados da esposa.

- Pacientes 1, 2 e 3: personagens secundários responsáveis por trazer informações a respeito dos malefícios do uso de agrotóxicos nas produções e nas comunidades. Trazendo também dados alarmantes da quantidade de veneno utilizados em cada alimento.

Descrição e análise das cenas

Cena 1

A cena inicia com os manifestantes protestando contra o uso de agrotóxicos e contra os arrendamentos nas comunidades rurais. Na sequência o fazendeiro, já tendo conflitos anteriormente com estes manifestantes, manda seus capangas matarem os manifestantes.

A cena trata da imposição de poder que os moradores da comunidade Itaúna enfrentam com relação aos fazendeiros. Não exatamente no assassinato, mas com ameaças como a denúncia ao INCRA que as famílias arrendam, mesmo sendo proibido por lei. Ainda ironizam que o morador se não arrendar poderá perder o lote e assim será passado ao fazendeiro.

Cena 2

A cena se passa na roça onde dois compadres trabalham capinando seu plantio, no momento em que um começa o diálogo com o outro, indagando sobre os modos de produção que seus pais e avós, respeitando a natureza e a tendo como uma amiga do plantio, com métodos naturais de afastar pragas e curar certas doenças das plantas.

Revela que os compadres, mesmo sendo de origem humilde e a certo modo, sem acesso à tecnologia, compreendem que a modificação de sementes não traz benefícios para a saúde ou para a natureza. Fazendo uma relação com as sementes crioulas, dando a entender que a melhor semente é aquela sem modificação, passada através das gerações.

Mesmo com essa leve tomada de consciência, perceptível neste momento da peça, tal compreensão de sua realidade não impede que os compadres estejam isentos de iniciar com o modelo de produção com

intensivos químicos. Quando um vizinho tenta argumentar sobre os modos de produção agroecológicos, ele é rechaçado, chamado de preguiçoso, pois a forma de plantio que eles conhecem é aquela do trabalho braçal pesado, mesmo que não agrida tanto o meio ambiente. O vizinho acaba sendo ignorado quando o fazendeiro se aproxima dentro da cena e puxa assunto com os compadres.

Neste momento o fazendeiro propõe uma “parceria” para os compadres, onde eles indagam que tipo de parceria é esta. O fazendeiro, com palavras bonitas, ludibria os compadres, prometendo uma grande produção, onde os dois sairiam ganhando com a produção dizendo: *vocês entram somente com as terras que vocês têm, e eu entro com a questão financeira, ou seja, gradeagem, plantio, adubação etc. e eu pago a vocês uma certa quantia por hectare plantada, e vocês ainda ficam com suas terras calcareadas!*

Neste momento um dos compadres se vê enganado, ou supostamente exagerado às promessas do fazendeiro, mas como não pode negar, pois acaba cedendo pelo discurso de seu compadre. E assim, “assinam contrato” apertando as mãos do fazendeiro.

Cena 3

Esta cena ocorre em uma casa do assentamento e é baseada na realidade das famílias dos integrantes do grupo de teatro, pois a vivência no diálogo entre fazendeiro x pai x mãe, é escancarada. Aqui, o pai combina com o fazendeiro o modo de arrendamento das terras, impõe a decisão para a mãe, sem diálogo com os filhos.

Esta cena aborda o machismo existente dentro de casa, onde a mãe tenta informar ao pai que a atitude tomada não é boa coisa, mas acaba por ceder pela pressão exercida pelo marido.

Na mesma cena, seu compadre chega e indaga ao amigo se o que fizeram foi a melhor escolha, neste momento, o compadre retoma seu discurso, dando a entender que se não fosse a boa vontade do fazendeiro de cultivar suas terras, ele não poderia fazer nem a metade do que o maquinário conseguirá fazer.

Dando sequência, o fazendeiro, já com o maquinário trabalhando, faz o compadre passar mal com o grande número de venenos jogados na terra para adubação.

Cena 4

Com o grande número de veneno utilizado, a filha do compadre 1 passa mal. Também fato realista de acontecimentos dentro da comunidade, pois aos poucos, os moradores começaram a dar entrada no hospital com sintomas de falta de ar, vômitos, tonturas, dentre outras coisas.

Nesta cena, a presença do médico se torna como um momento de geração de dados sobre o agronegócio, em específico o uso de intensivos químicos. Tanto pelo grande número de pessoas dando entrada no hospital com sintomas de intoxicação, quanto pelo crescimento do número de cânceres causados nas populações do campo.

Na mesma cena, entram os pacientes, trazendo dados dos alimentos que mais levam agrotóxicos a mesa dos consumidores, e da poluição das nascentes.

Neste momento o compadre sente que fez um mal negócio com o arrendamento, mas como de costume, deixa se levar pelo amigo, prometendo receber muito dinheiro pela parceria.

Cena 5

O compadre 2 é surpreendido ao saber que sua mulher está grávida. Sua esposa então, não muito contente, diz que é uma gravidez de risco, pois estando em meio a tanto veneno poderá causar alguma doença grave. O compadre não satisfeito com o pensamento negativo manda a mulher se acalmar, pois tudo irá dar certo.

O fazendeiro retorna com ótimas notícias, vangloriando-se da produção que não poderia estar melhor. Neste momento, ocorre um fato que foi recorrente no início dos arrendamentos no assentamento. As famílias assustadas com o grande número de veneno, sempre indagavam o porquê de tanto intensivo na produção, e o fazendeiro sempre se sobressaia e enganava as famílias dizendo que sem intensivos não produz, e as famílias morrerão de fome e não moverá a economia do país.

O compadre 2 ainda se mantém firme que fez um bom negócio. E é neste momento que as relações e a crença nos benefícios da parceria que se quebram, pois a esposa que acaba de informar que está grávida é encontrada passando mal. Onde os compadres rapidamente a socorrem e a levam para o hospital.

Cena 6

Novamente o médico funciona como informante de uma das muitas causas da convivência com os intensivos químicos, o aborto espontâneo.

Na mesma cena, o compadre vê o que lhe custou à parceria, e o tão sonhado benefício não passou apenas de ilusão. Neste momento há um embate entre os compadres e os fazendeiros, onde eles acusam o mesmo de ter acabado com a vida deles. E o fazendeiro, juntamente de seus capangas, revela que suas ações são somente com a terra e não com a vida pessoal dos compadres.

Cena 8

A cena se concentra na busca dos compadres de um profissional para cuidar da esposa com depressão, onde gasta todo o dinheiro ganho com os arrendamentos com o pagamento de um psicólogo. Dando a entender que todo o lucro da parceria será usado futuramente para os cuidados com a saúde dos donos dos lotes.

Ainda na mesma cena, os compadres se encontram com o vizinho, onde conversam e decidem formar uma assembleia geral com os moradores da comunidade para lutar contra os arrendamentos.

Cena 9

Esta cena é a cena final da peça, onde se consolida um modelo de como termina o ato. A cena se divide em uma batalha de rimas entre os compadres e o fazendeiro.

Na primeira parte, os compadres cantam sua música, denunciando os modelos de produção do agronegócio, e lembrando os modos de produção de seus antepassados. Finalizando em coro um refrão que fecha a denúncia contra o agronegócio e a invasão nos assentamentos.

Neste momento a música é interrompida com a chegada do fazendeiro e seus capangas, onde diz que também, tem uma música para cantar aos presentes na assembleia. A música do fazendeiro é totalmente diferente dos compadres, pois aqui o fazendeiro fala escancaradamente a relação de poder de produção e aquisitivo para com as famílias, e da ajuda do governo para manter seu modelo de produção. Por fim ainda pressiona as famílias a assinarem o contrato de arrendamento, como se fossem incapazes de produzir alguma coisa.

Encerra sua parte com um refrão, e em seguida o refrão dos compadres se repetem em coro, indo para cima do fazendeiro. E a peça se encerra.

A música foi toda escrita com base nos modelos de produção que os integrantes do grupo viam nas plantações de seus pais. O conhecimento dos venenos e para servem sempre foi recorrente quando criança nas produções.

O ontem e o hoje: análise das mudanças socioculturais antes, durante e depois da peça

O tão sonhado momento de conseguir um pedaço de terra para dela viver teve seu início em 2007, com rápida aceitação do território como seu e da felicidade de pertencer ao local. Mesmo com a demanda de apenas plantar árvores e fazer pequenas mudanças nos lotes para que posteriormente dessem entrada na papelada para a titularização das terras, as famílias, em grande euforia, começaram a sair da BR-230 e transferiram seus barracos para os lotes.

A titularização foi ficando de lado, e os recursos para construções das casas foram chegando. Deste modo o sonho se tornava a cada dia a realidade de poder construir a vida, longe da pobreza e da miséria, longe do preconceito e das injustiças sofridas.

Não só a oportunidade de se ter a terra, mas a abertura de entrada dos mais jovens na universidade. Filhos e filhas da terra que saíram da escuridão e ingressaram no mundo acadêmico. Formando cada vez mais o sonho dos filhos de se emanciparem da linhagem de dificuldade dos pais. O conhecimento não se perpetuou apenas nos 9 primeiros egressos da Licenciatura em Educação do Campo da Comunidade Itaúna, mas todo o conhecimento foi passado aos mais novos.

Em 2011, jovens de variadas idades, que antes não tinham perspectiva de lazer ou de utilizar a euforia existente dentro deles, encontraram-se dentro do teatro. O teatro que fora visto por estes jovens, na época ainda crianças na sua maioria, com o grupo Filhos e Filhas da Terra. A vontade de aprender e de se desapegar das garras do opressor, e entender a relação que se forma com o oprimido.

Neste meio tempo, o agronegócio, visto antes apenas nas fazendas que cercam a comunidade, começa a entrar silenciosamente nas parcelas dos moradores. Onde em menos de seis meses, já haviam tomado mais da metade da comunidade. O que ocasionou uma indagação em saber se tal fato não era prejudicial as famílias, como aponta GleciâneCezário:

a produção da arte teatral aqui no Itaúna, assim como toda iniciativa no sentido da formação política da comunidade sempre se esbarra em algumas limitações internas. Dentre elas estão: ameaças de morte, perseguição e desmobilização do trabalho, desmoralização da juventude, preconceito até com reunião dos jovens para os ensaios. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

A suposta geração de renda para o grupo familiar, onde o governo não se interessava mais em ajudar as famílias a se constituírem, onde o PRONAF veio, mas junto não veio uma assistência técnica para que as famílias pudessem gerar lucro com o planejado. O teatro e suas abordagens tornam-se, nesse contexto, uma ameaça a essa geração de renda das famílias.

Inicialmente, com processo de formação do grupo de teatro e com a crítica ao sistema havia resistência das famílias em não aderir aos arrendamentos de terras, mas em contrapartida a isso havia as cooperativas e outras farsas estratégicas que compravam os produtos dos agricultores e não pagavam, as orientações técnicas em torno do PRONAF não atenderam as necessidades reais dos assentados, como exemplo quase todos foram orientados a criar gado, mesmo sem experiência ou sem vocação para essa produção. O que culminou com morte de muitos animais, levando os assentados a vender o gado e por fim ceder suas terras a intensidade do agronegócio. (idem, 2019)

Como se não bastasse que os pais julgassem os filhos de estarem perdendo tempo fazendo teatro, surge também a relação de estar

atrapalhando a vida dos pais. Após a primeira apresentação do grupo, começou a mudança de ideias sobre o bem-estar da saúde das famílias, para além das partes cômicas da peça, as famílias compreendiam a necessidade de uma mudança de modelo de cultivo.

Em 2014 o grupo já contava com mais de 30 jovens, sendo dentre eles, atores, e preparadores de cena, figurinistas, dentre outros. O grupo se tornava um coletivo, onde todos estudavam a cena, todos coordenavam, todos ensaiavam e decidiam juntos. Os arrendamentos já estavam tendo pouco efeito, pois a ação estava fortificada, e a informação não era tão silenciada.

Em 2016, como os jovens se tornavam adultos, a necessidade de emprego e geração de renda para ajudar os pais batiam a porta, muitos começaram a não ter tempo para se manter exclusivamente para o teatro. Uma das últimas apresentações do grupo foi na própria comunidade, para os integrantes do curso Residência Agrária Jovem¹¹.

Em ação coletiva e decisão dialogada, os integrantes decidiram por encerrar as atividades, pois estava havendo muita dificuldade de tempo para o teatro. Onde o trabalho se tornava mais urgente, bem como a formação do conhecimento nas escolas e universidades.

Nesse sentido, com o enfraquecimento das atividades teatrais, percebemos que o latifúndio e as produções de monocultivosse fortaleceram, não tendo apenas a disputa de dois ou três fazendeiros, mas uma disputa desenfreada por espaços de terras para o cultivo.

Segundo Érika Cezário, integrante do Grupo de Teatro e moradora da comunidade:

Em relação ao agronegócio dentro da comunidade, concluo que os praticantes sabem sim e possuem consciência de que o agronegócio, da forma que é utilizada, é errada. O teatro mostrou diferentes ângulos de entendimento, e hoje, compreendo que a comunidade tem pouco acesso, mas as pessoas que podem desfrutar desse acesso, não sabem repassar. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

E continua:

No entanto, o arrendamento hoje no assentamento, surge como uma opção, já que o projeto de Reforma Agrária não saiu

¹¹Resultado das experiências anteriores dos cursos de especialização em Residência Agrária e dos debates acumulados pelos Movimentos Sociais e Universidade de Brasília – Faculdade de Planaltina, sobre a situação da Juventude Rural dos assentamentos e acampamentos da reforma agrária, comunidades rurais e tradicionais do DF e em Goiás

do papel. Nesse sentido, as políticas públicas não chegam aos povos do campo, dando brecha ao agronegócio. Não podemos afirmar entre o que é certo e o que é errado, a própria realidade é contraditória. Assim, arrendar as terras hoje é a única opção que as famílias têm, infelizmente. Este é o contexto de país ao qual estamos inseridos. (Idem, 2019)

Em uma análise de oito anos de atuação do grupo, percebemos que nos seis primeiros anos o agronegócio se manteve fraco, porém, nos últimos dois anos mais que dobrou as atividades. Onde mais de 80% das parcelas estão praticamente na mão de monocultores.

Recentemente, na última safra, houve, pela desinformação, contratos registrados em cartório para o arrendamento. O que antes era feito apenas por contrato boca a boca, ou seja, apenas conversado e confirmado com aperto de mão, hoje intensifica o risco pela assinatura em um papel.

Tanto que por essa falta de cautela dos moradores, a última colheita não foi paga aos moradores. Indagados pelo não pagamento, os fazendeiros disseram que não podiam pagar, pois a produção não havia dado lucro, ameaçados de serem processados, retornaram dizendo que poderiam iniciar o processo, mas que iriam ao INCRA denunciar o morador por arrendar em terra de reforma agrária.

Como por lei terras destinadas a reforma agrária não podem ser arrendadas, os moradores ficaram de mãos atadas e sem poder agir, o que ocasionou em procurar outro fazendeiro para arrendar a terra.

Se tratando da relação das nascentes e das águas das chuvas em nosso território, em um salto para o passado de quinze anos, quando se chovia, jorrava água a uma altura de 15cm de buracos de formigas no meio das estradas, o que hoje não acontece mais. Mesmo em períodos chuvosos, o escoamento da água impede a permanência da umidade. O único córrego que cortava o assentamento, hoje não permanece mais que quatro meses sem chuvas, onde antes o nível de água não baixava.

Segundo a senhora Izabel Coelho, moradora da comunidade:

Quando a gente mudou pra cá tinha sete nascentes e o riacho, o riacho tinha muita água, mas com a criação de uma barragem a água diminuiu. Antes a água era usada encanada direto da mina, por gravidade, para beber e afazeres de casa, as lavouras eram plantadas nos tempos de chuva, e hoje não

tem mais lavouras pela pouca chuva e a falta d'água. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

A construção recente de uma represa na nascente do córrego ocasionou a falta d'água para inúmeras famílias. A morte de peixes e de alguns animais que dependiam do rio para sobreviver. Onde antes havia inúmeras espécies, hoje se numera a quantidade que ainda luta para sobrevier.

A invasão do agronegócio no assentamento não foi algo inevitável ou negável, foi algo informado, debatido, dialogado. Mas não apenas por falta de mais luta, mas também por uma relação socioeconômica, onde obriga os jovens a sair de suas terras para buscar emprego, fizeram com que o agro se mostrasse a salvação de famílias que não tem de onde tirar o sustento.

Uma vez que a relação de poder se mostra maior, a luta de classes sem a junção de todas as classes se enfraquece.

Atualmente temos dentro da comunidade, jovens conscientes de sua condição, pais de famílias que se formaram dentro do teatro e da música que compreendem a relação do machismo dentro de casa, filhos que serão formados sabendo que o agronegócio não é a solução dos problemas existentes. Como afirma Neuza Maria, graduada na Educação do Campo e uma das criadoras do grupo de teatro Consciência e Arte:

a galera que participou do teatro, mesmo trabalhando em uma empresa igual a Igarashi¹², a consciência crítica é muito maior do que os outros. Então todo mundo que participou do grupo, mesmo que foram trabalhar em outras áreas como o agronegócio, sempre tiveram essa consciência crítica. Meio que, além desta questão da comunidade mesmo que ficou, teve uma questão pessoal também, um crescimento pessoal, um amadurecimento crítico e político. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

As famílias antigas e novas compreendem as relações de poder de quem detém o capital e os meios de produção, mas que também não encontram perspectivas de superar tais relações de sua realidade. Hoje quem antes dizia que os jovens conscientes estavam atrapalhando a geração do

¹² Lavoura e pecuária desde 1960

sustento, entendem que as doenças que apareceram “do nada” supostamente são causas do intensivo uso de agrotóxicos.

Famílias que a dez anos imaginavam utilizar a terra como local de vida e de trabalho, local de formação e geração de autonomia, não se imaginariam utilizando o dinheiro de um arrendamento para pagar consultas médicas no particular, pois no público não tem atendimento. Famílias que enfrentam o câncer sem saber o porquê ter que enfrentar. Avós que encontram na velhice a dificuldade de viver em paz.

A arte proporcionou uma relação de luta e de informação dentro da comunidade, dando espaço para que jovens e adultos pudessem se relacionar de forma simples e normal. Possibilitou que muitos jovens pudessem ingressar na universidade e não desistissem dos estudos. Um trabalho do Coletivo de Teatro Consciência e Arte que durou por apenas seis anos, mas que mudou histórias, transformou vidas, como afirma Érika Cezário:

o teatro, através da arte, conseguiu mudar significativamente minha vida, meu jeito de pensar, de agir, de me expressar. Foi uma grande oportunidade para rever os conceitos e as formas de receber algumas informações, a partir do momento que paramos para analisar as diversas questões do cotidiano. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

Pensando de forma cronológica, é relativamente pouco tempo de trabalho, mas que já foi suficiente para afastar a juventude do crime, das drogas, que tirou da ociosidade jovens que estavam desistindo de tudo, proporcionou a aceitação da sexualidade de alguns e proporcionou o respeito em outros. Formou pessoas conscientes que lutam pela igualdade em todas as formas da sociedade. Que ajudou famílias a entenderem a exploração sexual e a agressão física e verbal.

Atualmente o agronegócio domina quase toda a comunidade, onde a mesma se aproximou novamente aquela fazenda descoberta em 1996 que era improdutiva. Há produção hoje, mas não há soberania do povo no território. Muitas famílias críticas, mas reféns do capital e da necessidade de poder se alimentar e viver. O que nos faz questionar as relações entre poder e subordinação, onde o processo de aceitação da opressão se dá não pelo bem querer dos indivíduos, mas pelas relações criadas por aqueles que dominam,

seja pela mídia ou pelos espaços de diálogos que dão acesso a algum tipo de informação. Como sintetiza GlecianeCezário,

atualmente o que se vê é: um assentamento com mais de 20 anos, sem escola, sem organização política, com os mesmos representantes e um povo cansado, vendendo ou arrendando suas terras. (Informação verbal cedida ao autor, 2019)

Considerações finais

O crescimento dos benefícios para com o agronegócio em 2019 mais que dobrou nos últimos anos. Segundo o site de notícias UOL, dos 290 produtos liberados até julho deste ano, 41% são considerados extremamente ou altamente tóxicos, sendo que 32% são proibidos na Europa¹³.

O impacto ambiental que será causado os próximos anos no Brasil serão irreversíveis, pois, como já citado no capítulo I, o uso de agrotóxicos é considerado um dos principais causadores da degradação ambiental, pois contamina o solo, rios, lagos e o lençol freático. Isso ocorre porque a chuva e os sistemas de irrigação fazem os pesticidas escorrerem pela terra, poluindo os cursos hídricos presentes na região.

¹³ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/07/22/governo-libera-mais-51-tipos-de-agrotoxicos-totalizando-290-no-ano.htm>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

¹² Fonte: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/e-proibido-proibir-a-censura-volta-a-assombrar-as-artes/>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

Após um ano conturbado, as eleições de 2018 geraram conflitos em todas as áreas. Após o período pós-eleição, ainda havia descontrole por parte dos eleitores entre esquerda e direita. Assumindo a presidência em 2019, o presidente Jair Bolsonaro, inicia seu projeto de governo, viabilizando principalmente sanções econômicas de apoio ao agronegócio.

Surge então, uma enorme força de luta contra as iniciativas do governo, não só pela liberação de uma grande quantidade de intensivos químicos, mas também por polêmicas criadas e geradas por seus ministros e assessores. Para combater tais iniciativas, o presidente utiliza da censura contra os movimentos em todo o país, principalmente contra as universidades e as artes no geral.

Um balanço do Observatório de Censura à Arte, que mapeia o Brasil inteiro movido por denúncias de artistas que se veem alvo, registrou até agora 23 casos em que a tesoura oficial entrou em ação neste ano. Na mira estão produções que não soam apropriadas ao governo ou, como diz o presidente, deixam de “preservar os valores cristãos”. Bolsonaro assim define o fenômeno de supressão de obras do cardápio nacional, que não nega: “A gente não vai perseguir ninguém, mas o Brasil mudou. Com dinheiro público, não veremos mais certo tipo de obra por aí”¹². (VEJA, 2019)

A certo modo, o presidente deixa claro a questão da censura as artes, dando a entender que tal modelo se perpetuará em seu governo. Este processo gerou revolta nas mídias e no mundo, pois a arte não é qualquer coisa a ser dispensada ou negligenciada.

Os impactos causados pelo agronegócio e pela censura as artes é o processo que se perpetua pelos governos autoritários, no que se reflete também na relação com os povos do campo. Uma vez que o campo é visto como espaço de produção em grande escala e não como espaço de vida e de conquistas camponesas, estes processos tendem a se manifestar cada vez mais, ocasionando o sufocamento das famílias rurais.

Contraditoriamente, para além da censura externa, o teatro dentro da comunidade Itaúna, também sofreu com censura pelos próprios moradores, como já citado antes. Apresentações foram boicotadas por alguns, que se recusaram a assistir apresentações dos próprios filhos por estarem em conflitos com seus próprios interesses.

A luta da juventude rural por autonomia e por direitos se baseia na arte e na cultura, seja ela com os momentos de lazer com o futebol à tarde, com a música cantada e criada na roda de amigos, são expressões da juventude que são muitas vezes negadas pelos familiares, mas que exercem total poder contra a censura e contra a privação de direitos.

O teatro dentro da comunidade, que analisamos nesta pesquisa, teve como um dos principais acúmulos o fato que proporcionou o entendimento das relações de poder entre quem detém os meios de produção e quem vende a força de trabalho, gerando a criação da consciência político-formativa para os jovens e adultos da comunidade. Uma vez que as reuniões do grupo de teatro, movida por leituras e debates, foram levadas para dentro de casa, conflitando com as relações de acomodação dos pais com as injustiças e abusos sofridos pelos arrendatários.

Vale ressaltar que o teatro na comunidade foi um repasse de conhecimento dos estudantes da LEdoC¹⁴. Sendo estes produtores da criticidade e da formação de jovens e adultos, visando não só o acúmulo de saberes, mas também a disseminação do conhecimento através da arte.

A criação de um coletivo gerou processos de autonomia e criticidade, dando aos jovens não só o poder de diálogo, mas entendimento das relações opressivas dentro de casa e nos espaços de trabalho. Jovens críticos geram mais jovens críticos, ocasionando um processo em espiral, a formação de um coletivo consciente e formativo que deverá buscar formas novas de prosseguir.

Então, se faz necessário utilizar do conhecimento político da juventude e de sua força para conquistar a igualdade entre as pessoas, e torná-los um incentivo para toda a sociedade, formando assim não somente uma juventude politizada, mas sim uma sociedade politizada e formada para a luta contra

¹⁴ São exemplos desta produção científica de estudantes da comunidade Itaúna na LEdoC/UnB, com incidência na realidade local: “Mulheres na produção de conhecimento científico” (Correa, Ivaldete de Souza), “Letramentos na escola municipal flor da Terra” (Correa, Ivandice de Souza), “Letramento e Alfabetização na escola municipal Itaúna” (Correa, Ivonete de Souza), “Agricultura de base ecológica como alternativa para o desenvolvimento sustentável no assentamento Itaúna” (Correa, Roneci de Souza), “O cotidiano tornado linguagem pela voz da Poesia: breve incursão na arte poética de Ferreira Gullar” (Machado, Gleciene Cezario dos Santos), “O potencial das plantas medicinais para a saúde das famílias da comunidade Itaúna (GO)” (Santos, Cleonice Cesário dos), “Diagnóstico do acesso a água no assentamento Itaúna-GO” (Santos, Moisés Coelho dos), “Computador e internet na realidade das escolas do campo do Município de Planaltina – Goiás” (Santos, Vitor Coelho dos).

governos e entidades golpistas, a fim de tornar o país um lugar digno de vida e realmente democrático.

O processo do teatro impactou substancialmente na vida das famílias, mas, ao término dos trabalhos, o tempo levou ao esquecimento dos debates gerados pelo grupo, sendo um dos fatores para uma retomada alarmante dos arrendamentos. O processo ficou ainda pior em relação as condições exigidas para a “parceria”, onde muitos moradores são obrigados a darem a terra de graça em troca de favores como a preparação da terra após a colheita.

É difícil, quase impossível, se libertar de modelos de realidade com as quais induzem e amenizam os sofrimentos de uma população refém de um sistema autoritário. É fácil se matar trabalhando e acreditar que é o ser mais digno do universo por não roubar ou se drogar. É fácil ter fé e se iludir que os corruptos são poucos e dizer e acreditar que “roubou, mas fez”. É mais fácil ter fé que o sofrimento nesta vida será recompensado em outra após a morte. Difícil é levantar do sofá e lutar por uma sociedade justa, igualitária, sem preconceitos.

o teatro amplia o universo de participação para diversas faixas etárias, é uma forma estética democrática e inclusiva, ou seja, não distingue as pessoas por dom ou por um sinal do universo para que alguém possa interpretar, mas abre espaço para aqueles que querem fazer da arte um espaço dinâmico em suas vidas.

Sendo assim, acredito que a arte é a uma das metodologias de libertação dos oprimidos. Podemos observar que a arte dá a capacidade para que as pessoas possam se libertar de grades que os prendem e lhes cortam o intelecto. Tanto para a formação pessoal quanto para a educação, é de maior valor inserir na sociedade as especificações do teatro político.

A arte não é só a exposição, mas aquela que dá voz e intensidade nas relações pessoais e sociais. Arte se faz luta, se faz arma em uma sociedade que recrimina e censura as expressões populares artísticas. O teatro é uma arma, e enquanto não estiver carregada, se torna ameaça apenas em ficção frente aos desafios projetados pelo agronegócio.

Agro é tech, enquanto a população não compreender o que é soberania alimentar. Agro é pop, enquanto a arte for apenas entretenimento e diversão para apenas uma classe. Agro é tudo, enquanto a sociedade em si não

compreender que a destruição do meio ambiente afetará toda a vida no mundo, inclusive a do próprio latifundiário.

Referências Bibliográficas

- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BOAL, Julián et al **“Pondo o Teatro do Oprimido na História”**. In: **Cultura, Arte e Comunicação**. / Rafael Litvin Villas Boas e Paola Masiero Pereira (organização). – 1.ed. - São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- BORGES, Rayssa Aguiar. Mas, afinal, o que entendemos por teatro político? In: ROCHA, Eliene Novaes et al. (Orgs.). **Teatro Político, formação e organização social**. Caderno 4 do Residência Agrária da UnB. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

CALDART, Roseli Salete et al “**Educação do Campo**”. In: **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORRÊA, Ana Laura et al. Estética e Educação do Campo: movimentos formativos na área de habilitação em Linguagens da LEdoC. In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão (Orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir de experiências piloto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular: 2016.

COSTA, Iná Camargo; Estevam, Douglas; Villas Bôas, Rafael (Orgs.). **Agitprop: cultura política**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

GOMES, Thalles et al. Audiovisual e transformação social – a experiência da Brigada de Audiovisual da Via Campesina. In: BASTOS, Manoel Dourado; GONÇALVES, Felipe Canova (Orgs.). **Comunicação e a disputa pela hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

IASI, Mauro Luis 118p **Processo de consciência** / Mauro Luis Iasi. São Paulo: CPV, 1999.

LEITE, Sergio Pereira/ MEDEIROS, Leonilde Servolo de et al “Agronegócio” in: **Dicionário da educação do campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

- MACHADO, Gleciene C. Santos. **A lógica do espetáculo nas propagandas do agronegócio**: Friboi entre o pasto e a publicidade. Monografia, 45.p (Especialização - Residência Agrária UnB)-Universidade de Brasília. 2015.
- MARTINS, Aracy Alves et al. **Outras terras à vista**: Cinema e Educação do Campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MARX, K; ENGELS, F. Trabalho assalariado e capital. São Paulo: Global Editora, s.d.. p 11-49. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MOREL, Jean-Pierre et al “As fases históricas do agitprop soviético”. In: **AGITPROP**: Cultura política / organização Iná Camargo Costa, Douglas Estevam, Rafael Villas Boas. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2016.
- OLIVEIRA, Camila Passos Fleury de, **A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM FREUD, MARX E ADORNO**. Artigo, 2005.
- ROCHA, Eliene et al. **Teatro político, formação e organização social**: avanços, limites e desafios da experiência dos anos de 1960 ao tempo presente. São Paulo: Outras Expressões: 2015.
- VIVE TV. Manual do Produtor Integral: conselhos para entrevista, reportagem e documentário. In: TERRA, Pontão de Cultura Rede Cultural da. **Caderno das Artes**: estudos sobre audiovisual e a construção da realidade. São Paulo: CEPATEC, 2009.

Sites

<https://www.infoescola.com/agricultura/monocultura-de-exportacao/> acessado em 12 de janeiro de 2018 – 15:59

<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/mais-org%C3%A2nicos-na-mesa-do-brasileiro-em-2017> acessado em 03 de maio de 2017 – 22:12

<https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-latifundios-70-mil-deles-1476.html> acessado em 15 de abril de 2018 – 10:25

<http://www.incra.gov.br/oqueegrilagem>> acessado em 26 de junho de 2018 - 14:53

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/e-proibido-proibir-a-censura-volta-a-assombrar-as-artes/>> acessado em 01 de dezembro de 2019 – 13:58

<HTTPS://www.google.com/amp/s/noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/07/22/governo-libera-mais-51-tipos-de-agrotoxicos-totalizando-290-no-ano.amp.htm>> acessado em 01 de dezembro de 2019 – 14:09

Anexo 1

Peça produzida pelo grupo de Teatro Consciência e Arte

“A Invasão do Agronegócio nos Assentamentos”

Personagens:

Militante 1

Militante 2

Fazendeiro

Compadre 1

Compadre 2

Vizinho

Esposa

Médico 1

Médico 2

Psicólogo

Paciente 1

Paciente 2

Paciente 3

CENA 1 – Assembleia*(Dois militantes estão revoltados por causa da expansão das monoculturas e intensificação do uso de agrotóxicos nas comunidades, e chama o público para fazer uma ação)*

Militante- 1 Temos que fazer uma manifestação contra o uso de agrotóxicos! Tem muita gente morrendo e parece que ninguém faz nada!

Militante- 2 É isso mesmo! A terra e a gente são mais importantes do que a produção, existe uma traição aos princípios humanos da vida e da saúde!

Militante -1 Os venenos contra a natureza estão sendo permitidos! Estão sendo aceitos como se fossem uma necessidade inevitável!

Militante- 2 O Brasil é campeão mundial de agrotóxicos, nenhum país pulveriza tanto agrotóxico quanto o nosso!

(fazendeiro se aproxima e intervêm na ação)

Fazendeiro- Já avisei pra vocês pararem com esse falatório! Vocês estão prejudicando o País. O povo precisa comer barato e precisa comer comida com defensivo sim! Não nos atrapalhe! Vocês estão dando prejuízo a um patrimônio nacional!

Militante -1 Está sendo apagada, destruída e esquecida toda herança e acúmulo da agricultura tradicional, das sementes crioulas e roçado para um modelo que destrói a vida.

Fazendeiro- A única forma de fazer alimento mais barato é com defensivo temos que dar comida aos pobres e exportar o que sobra! Vocês querem atingir quem? Já falaram demais não perdem por esperar! *(fazendeiro acena para os jagunços que entram em cena matam os militantes, cobre com pano preto os corpos e arrastam para fora do palco e a cena termina)*

Cena 2 - Na roça (*compadres estão capinando, de repente um escora na enxada e começa a falar*)

Compadre 1- em cumpadetava eu aqui pensando com essa cabeça minha, coméqui o tempo passa e a gente fica pra traiz.

Compadre 2- (*levanta a cabeça*) uai cumpade num to te cumpanhano no assunto.

Compadre 1-mas pois é cumpade, noistamo aqui nesse pedacinho e terra, irrudiada de grandes propriedades cheias de mió e feijão cum um tantão de trator, aprontano um mundo vei de terra no dia, dexano um monte de home disimpregado.

Compadre 2 - pior que oce disse tudo cumpade. Cê lembra daqueles modo de prantar que nossos pais usava quando a gente era miudim?

Compadre 1- oxi se lembro, a gente era miudim mais num esquece dessas coisa não, eles acerava invorta da terra, e punha fogo, e ficava rezano pro fogo num pular, e quando pulava, era um corre-corre cum uns balde d'agua, e aquilo era coisa mió do mundo pra gente que so ficava rindo, e que dispois do sufoco, todo mundo se aquetava e ia prosiá.

Compadre 2- isso era bão mermo, fora que a prantação nascia tudo boa, bem sadia, e quando dava praga, eles usava urina de vaca, ou então rezava em três cantos da roça e deixava um pras pragas sair: "se funcionava eu num sei, mais parece que dava certo".

Compadre 1-naquele tempo num tinha esse trem de agrotóxico naum, o adubo era isterco de gado e de galinha.

Compadre 2- e pior que os tempos tá mudado mermo, hoje em dia eles usam um tantao de remédio, que a gente nem sabe dizer o nome.

Compadre 1- e eles tão até inventano umas sementes que colhe mais rápido, sô, Que eu nem sei dizer comé que se chama.

Compadre 2- é transgênica.

Compadre 1- tran, tran, tran o que?

Compadre 2- transgênicas.

Compadre 1- ô palavrinha difícil em sô! Esse povo num tem o que inventa mar não né?

Compadre 2- e eles ainda dizem que a semente gerada num serve pra prantio, que tem que comprar uma nova.

Compadre 1- vixi, cumpade, esse povo é mermo mudado, antigamente as roça que meu pai colhia, dava pra tirar a semente de comer, de vender, e ainda tirava a de prantar no outro ano.

Compadre 2- a gente ta aqui falano e ali vem o vizinho preguiçoso!

Vizinho- bom dia!

Compadres juntos- dia!

Vizinho- Vocês estão ai sofrendo com as dificuldades do plantio comum, que traz consigo tantos danos à natureza! Porque vocês não venham comigo e façam como eu?

Compadre 2- Que nada! Aquilo lá em seu sitio é coisa de preguiçoso, nunca vi dizer que se faz aquele tipo de coisa numa propriedade.

Vizinho- Vocês ainda são ignorantes nesse assunto! Aquilo que vocês dizem que é coisa de preguiçoso é um sistema agroecológico, além de ser muito bom para a natureza ajuda na preservação da cadeia alimentar!

Compadre 1- Oia aí cumpade, ele quer que a gente fique preso na cadeia de alimento!

Compadre 2- A gente tá aqui prosiano e lá vem sujeito cum pinta de barão.
(fazendeiro se aproxima)

Vizinho- Mas e aí vocês vão vir comigo e descobrir o quanto de benefícios terão daqui á algum tempo?

Fazendeiro - Bom dia companheiros!

(compadres juntos)-Bom dia!

Compadre 1-O que traz vossa desgraça aqui?

Fazendeiro- O que os companheiros fazem tanto nesse humilde pedaço de terra?

(o vizinho percebendo que estava fora do assunto balançou a cabeça e saiu contrariado)

Compadre 2-Agora noista conversano mais antes nóistavacapinano!

Fazendeiro- Bom senso de humor! Mas eu vim aqui para propor um assunto sério para vocês, queria propor uma parceria!

Compadre1- Parceria? Mar como assim?

Fazendeiro-Parceria é um acordo “sustentável” que traz benefícios, para todos nós, ou seja, vocês entram somente com as terras que vocês têm, e eu entro com a questão financeira, ou seja, gradeagem, plantio, adubação etc. e eu

pago a vocês uma certa quantia por hectare plantada, e vocês ainda ficam com suas terras calcareadas!

Compadre 1- Hum! sei não, quando a esmola e muita o santo desconfia!

Fazendeiro- Vocês não tem com o que se preocupar é algo que muitos pequenos agricultores fazem, eu tenho o dinheiro e vocês a terra, é só fazermos a parceria e todos saímos ganhando!

Compadre 2- Pensando bem cumpade, não pode ser tão ruim assim!

Compadre 1- Num sei não, to cum pé atrais!

Fazendeiro- Mas eu preciso da decisão de vocês hoje, porque o tempo de plantar esta acabando!

Compadre 2- *(fala entusiasmado)* claro, eu topo! Num tenho porque num aceitar. Pensano bem, acho que essa parceria é um bom negócio! Aqui a gente não tem recurso nenhum, o PRONAF não sai, num temo assistência técnica, e eu já to cansado dessa luta! Ficamos mais de dez anos dibaxo de barraco de lona, isperano uma resposta do governo e dispois que a gente consegue a terra, é aí que a gente vê que a luta só tá cumeçando!

Fazendeiro—*(projetar foto do ciclo do ouro)* Você leu meus pensamentos! A história de luta da minha família também é antiga, vem desde a colonização. Primeiro tivemos um pouco de lucro no ciclo do ouro, mas acabou logo. *(projetar foto da cana de açúcar e do café)* Depois veio o ciclo da cana-de-açúcar e do café que também não deu certo porque a nossa intenção era trazer progresso para o Brasil. Só fico feliz com tudo isso, porque pelo menos demos muito emprego para os negros e para os índios.

Compadre 1- *(meio na duvida)* É, cumpade se ocê acha que sim, vamofazê pra vê no que vai dá. *(eles se despedem e vão para casa)*

Cena 2 / em casa- *(Chegando em casa, o homem já foi logo se gabar para a mulher):*

Compadre 2- Muié! Chega aqui rápido! Tenho um assunto bão pra falar com ocê!

Esposa- O que foi home? Parece que viu bicho do mato!

Compadre 2- Que isso? É muito mió, cabei de fazê uma parceria cum vizim fazendeiro!

Esposa- Parceria home? Cuma assim?

Compadre 2- Não muié, num tem muito o que ispricá, isso é negocio de home, muié num intende desses trem não. Mais eu garanto que é um nigucimbão sô!

Esposa- Isso é o que ocê diz, se essa tal de parceria for igual ao que acontece no assentamento vizim, isso num convém nem um pouco. Dizem lá que eles usam tanto veneno que estão todos ficando mal da saúde, e além de tudo no final do plantio a braquiária, que ocê usaria no pasto pro gado, se acaba e nasce um monte de praga no lugar, e ainda o dinheiro que recebe mal da pra pagar as despesas com a saúde.

Compadre 2- Isso tudo é assunto pra boi dormir, do jeito que o fazendeiro falô, num tem nada de dá errado!

Então seu compadre1 chega

Compadre 1- Boa tarde cumpade!

Compadre 2-Boa sô.

Compadre 1- Tava eu aqui pensando, será que fizemo um bom negocio? Esse trem tamartelano minha cabeça, e num sei naum, topensano em vortá atrais, afinal eu lutei tanto pra ter minha terrinha pra mode prantar (*fala meio ironico*) num sei não.

Compadre 2- dexa de ser besta cumpade, vivemo o tempo todo prantano, vamodiscançar e ganhar nosso dinherimbao, deitado na rede.

Algum tempo depois, o fazendeiro trouxe o seu maquinário e começou o plantio. E não demorou muito para aparecer os primeiros sintomas de mal estar.

Compadre 2- muié massa uma foia de boldo ou um trem bem margoso que eu to com uma tonteira ruim.

Esposa- eu avisei, isso é sintoma dos venenos.

Compadre 2- deixa de conversa fiada e faz logo o trem pra mim.

*(fotos de tratores e aviões pulverizando as terras) O fazendeiro e seus empregados continuaram plantando e alguns dias depois o **compadre 1** chega correndo cansado.*

Compadre 1- cumpade, cumpade, cumpade, me acode, minha fia ta passando mal, tacuma farta de ar que num tem fim. Queria que oce me emprestasse à carroça pra mode eu levar ela na vila.

Compadre 2- calma home, isso num deve ser coisa seria, vamo lá ver o que é.

Cena 3 (*Chegando à cidade, com a filha nos braços, depois de longo tempo no banco de espera do hospital a filha foi analisada pelo médico. No banco de espera também estavam Paciente 1, Paciente 2 e Paciente 3*)

Medico 1- sinto muito informar o senhor, mas sua filha vai ter que ficar alguns dias aqui em observação, pois ela inalou uma grande quantidade de elementos químicos, e a qualquer momento ela pode ter uma recaída, mas não se preocupe ela esta bem, ela vai ficar aqui só por uma medida de segurança.

Compadre 1- mais porque foi acontecer logo com a minha filha?

Refrão onde defende o pequeno agricultor

Medico 1- isso é apenas um fato comum por aqui, devido a grande quantidade de fazendas que usam esses agrotóxicos para melhoria dos produtos não percebem o quanto faz mal à saúde, eles só querem saber do dinheiro.

Paciente 1- O veneno esta por toda parte até na nossa mesa do dia a dia. Estou aqui porque ontem depois de almoçar comecei a sentir tontura e só acordei depois de estar aqui no hospital. Agora é que me lembro que o tomate da salada estava meio cinza.

Paciente 2- Eu acordei bem pela manhã e fui buscar água na bica. A água estava meio escura não importei e dei o primeiro gole, percebi que não estava com o gosto muito bom. Logo em seguida meu coração começou a bater muito forte e minha boca amargava. Antes de eu fazer parceria a água era limpinha e pura e agora perdi uma nascente e estou perdendo a saúde.

Paciente 3- O médico me disse que os dez alimentos que mais apresentam agrotóxicos são: pimentão com 80,0%, uva 56,4%, pepino 54,8%, morango 50,4%, couve 44,2%, abacaxi 44,1%, mamão 38,8%, alface 38,4%, tomate 32,6% e beterraba 32%. Sabe ele me disse ainda que esses venenos são todos usados acima da indicação e que a maioria deles são proibidos em outros países.

Paciente 1- Engraçado, no Brasil tudo é permitido! Os políticos carregam dinheiro até dentro da cueca, a educação e a saúde pública é uma vergonha e agora todos sabem que os venenos não podem ser usados mas estão sendo vendidos livremente e nós que moramos na roça estamos sempre sendo vítimas.

Compadre 1- eu sabia que não estava fazendo um bom negocio. (*fala inconsolado*), a se arrependimento matasse.

Compadre 2-deixa de ser tolo cumpade pensa pelo lado bom o quanto de dinheiro que a gente vai ganhar com a parceria.

Compadre 1- é cumpade é por esse egoísmo meu que a minha fia tá ali, na cama de um hospital.

Compadre 2- calma cumpade, o médico já disse que ela vai ficar bem, vamovortá pra casa, dispois a gente vorta aqui.

Cena 4 -(*Chegando em casa o **compadre 2** tem uma surpresa*)

Compadre 2- o que aconteceu muié?

Esposa-(*chorando.*) Zé euto grávida!

Compadre 2- (*fala entusiasmado*) grávida? Mar que nuticia boa nossa eu finalmente vou ter aquele filho que tanto quis que eu sempre sonhei.

Esposa- mais Zé grosso, é uma gravidez de risco eu já to grávida tem algumas semanas.

Compadre 2- não se preocupe muié, vai dar tudo certo. (*E foi logo dizer para o seu compadre1 que aguardava fora decasa*).

Compadre 2- ô cumpadetô tão feliz, minha muié cabo de me tornar o home mais feliz desse mundo. Ela cabo de me dizer que eu vo ser pai.

Compadre 1- ô meu cumpade, meus parabéns, agora ocê vai ter seu filho que tanto sonhou.

Compadre 2- eu to feliz de mais sô. Vamooiá nossa prantação!

(*Algum tempo depois o fazendeiro chega*)

Fazendeiro- bom dia companheiros.

Compadres- dia.

Fazendeiro- pois é meus companheiros, o plantio não poderia estar melhor, eu to ciente que essa vai ser uma colheita muito boa, mas e aí, vocês vão plantar comigo o ano que vem também?

Compadre 1- eu sei não, essa parceria tá me causando muitos problemas.

Compadre 2- que isso cumpade, o home tá ai cheio de intensões, além disso, olha em sua volta e veja a melhoria de nossas terras.

Compadre 1- (*pergunta ao fazendeiro*) será se não tem como usar menos veneno? Pois eles tão causando mal à saúde das pessoas.

Fazendeiro- infelizmente não tem como usar menos veneno, se não perdemos toda a safra e se não plantarmos com esses produtos não dá lucro além de vocês morrerem de fome, o Brasil não sobe no índice de exportação!

Compadre 1- ocois tão se preocupano com o mundo, enquanto num enxerga o mal que esta fazeno e aconteceno tudo debaxo do seu nariz.

Compadre 2- entre uma coisa e outra eu to feliz com essa parceria e se continuar assim eu plantarei o ano que vem outra veis.

Compadre 1- eu ainda não sei não, vamos ver daqui ate lá.

*Então eles se despediram e o fazendeiro foi embora. Quando estavam na varanda conversando, o **compadre 1** percebe a comadre passando mal.*

Compadre 1- o que foi cumade? Tá tremula toda pálida.

Esposa- eu to sentindo muita dor na barriga, uma tontura, to assim desde manha quando os tratores passaram por aqui passando veneno, me deu uma tontura uma coisa ruim e agora voltou à dor mais forte e tá me faltando ar.

Compadre 1- em cumpade vamos botar ela na carroça e levar ela pro hospital.

Cena 5 No Hospital- (*em pouco tempo os compadres levaram ela para o medico onde foi analisada, e em pouco tempo o medico voltou.*)

Compadre 2- doutor, e a minha mulher e o meu filho, estão bem?

Medico 2- senhor, infelizmente ela não esta bem.

Compadre 2- isso significa que meu filho esta né?

Medico 2- é sobre isso que eu queria falar, infelizmente ela teve um aborto espontâneo devido à sua gravidez de risco e por ter uma grande concentração de produtos químicos em seu corpo.

Compadre 2- a não meu deus, não é possível, por que essa desgraça comigo?

Compadre 1- calma cumpade não se desespere, você ainda tem uma mulher pra cuidar.

Compadre 2- como eu posso ficar calmo? O meu filho está morto.

Medico 2- ela vai ficar aqui alguns dias, pois nós tememos pelo pior, ou seja, temos medo dela sofrer depressão por causa do aborto, e é ai que ela precisará do senhor mais do que nunca.

Compadre2- eu sei de quem é a culpa, eu vou matar aquele fazendeiro.

(ele sai furioso e o compadre o acompanha)

Compadre 1- calma cumpade, num vai fazê besteira. (*Deixam a mulher no hospital e voltam para casa*)

Cena 6-O encontro (*Quando ele encontra o fazendeiro já vai logo falando em tom agressivo:*)

Compadre 2- seu assassino, irresponsável, seu maluco, você matou meu filho, você é um crápula.

Fazendeiro- oque você esta dizendo? Está ficando louco? Eu não tenho nada haver com a sua vida pessoal.

Compadre 2- ocênum sabe o que diz você é um irresponsável.

Compadre 1- calma cumpadeoceta de cabeça quente, vamovortá pra casa.

Fazendeiro- além de tudo de bom que eu fiz eu vou logo pagar vocês porque eu não sou esse caloteiro que tanto dizem.

Compadre2- é bom você pagar mesmo, porque eu tenho muitas contas pra pagar.*(Os compadres voltaram para o hospital)*

Cena 7 No hospital -

Compadre 2- e ai doutor, como minha muié está?

Medico 2- devido ao fato ocorrido, como eu já lhe informei da depressão pós-parto, o senhor terá que contratar um psicólogo.

Compadre 1- contratar o que? Um psicótico?

Medico 2- não senhor, psicólogo, é um profissional que trata do estado emocional do paciente.

Compadre 2- mar então dotor, donde é que nois pode encontrar esse tar de psicótico?

Medico 2- vocês poderão encontrar esse PSICÓLOGO (*com uma certa ironia*) aqui mesmo no hospital, na sala ao lado.

Então eles foram em busca do psicólogo

Compadre 2- o senhor que é o dotor psicótico?

Psicólogo- sou o que?

Compadre 1- psicótico! Aquele que cuida da cabeça da muiéduente.

Psicólogo – ah sim o psicólogo. O que vocês desejam?

Compadre 2- é que minha muié tá sofrendo de depressão de pós-parir, e eu queria que o senhor tratasse dela.

Psicólogo-Não é pos parir é pós - parto!mas primeiro teremos que falar sobre o cachê.

Compadre 1- mar que é isso dotor.

Psicólogo- é a forma de pagamento que o senhor terá de cumprir.

Compadre 2- será que se eu vender umas duas hilux e umas 500 cabeça de gado da pra pagar?

Psicólogo- como?

Compadre 2- tobrincanodotor, a gente junta um dinherim aqui outro acolá eu acho que da pra pagar.

Compadre 1- que isso cumpade, eu te ajudo cum a minha parte.

Comentarista - *“o Brasil é o país do mundo que mais consomem agrotóxicos: 5,2 litros/ano por habitante. Muitos desses herbicidas, fungicidas e pesticidas que consumimos estão proibidos em quase todo o mundo pelo risco que representam a saúde pública. O perigo é tanto para os trabalhadores, que manipulam os venenos, quanto para os cidadãos, que consomem os produtos agrícolas. Só quem lucra são os transnacionais que fabricam os agrotóxicos. Estamos nos alimentando mal e perigosamente, por conta de um modelo agrário e perverso, baseado no agronegócio.”*

(Então eles pagaram o médico e a esposa começou a ter o acompanhamento médico e voltando para casa encontraram o vizinho.)

Vizinho- fiquei sabendo dos fatos acontecidos...

Compadre 2- não precisa entrar em detalhes, noisqueremo te pedir disculpa e saber de ocê se num quer formar um movimento contra a parceria e o uso desses venenos.

Vizinho- sim acho uma coisa bem provável, vamos organizar uma reunião com a comunidade.

Cena 9-

(então os compadrese o vizinho finge que estão falando no telefone convidando o pessoal para uma reunião, e todos integrantes restantes do grupo deveram sair do palco e ir para frente e começar a manifestação)

Música do Grupo de Teatro Consciência e Arte do Assentamento Itauna

Agrotóxico destrói é uma coisa que me deixa revoltado;

Tá todo mundo morrendo e ninguém ta preocupado;

Com os ricos é sem debates, eles são a voz da razão;
Mete veneno sem dó e diz que é bom pra plantação;

Se agrotóxico fosse bom não se chamava veneno;
Na terra a plantação tá bonita e na cabeça os neurônios fervendo;
Eles usam bastante, um tal de Glifosato;
Mais tem quem pensar bem e medir as conseqüências dos seus atos;

Não sei pra que servem mais eles usam Roundup;
Mistura com água na bomba e joga nos pés de tomate;
Pra piorar a situação eles usam Cilomex;
Se der dor de cabeça e só tomar Dorflex;

Os insetos passam mal só com o cheiro do prisma;
Afasta as pragas mais afasta a saúde da sua vida;
É muito estranho esse tanto de nome chique;
Pra adubação eles usam 20-0-20, 4-14-8 e 5-25-15 ;

Quando sentir o baque no corpo é pior que dinamite;
Sua saúde vai pro espaço e errado é nós que ensina?
Os veneno que tu venera vai acaba com sua vida;
As empresas batiza os produtos com nome que chama atenção;
Mais é veneno do mesmo jeito abre o olho vacilão;

Refrão defesa dos assentados

coro

A terra dos barão é regada a veneno;
Eles nem tem noção mas por dentro estão morrendo;
Tem a conta bancaria em cima lá nos 100;
A saúde ta no zero pode crê que ele não tem;
Veneno significa sentença de morte;
Tu vendeu a sua vida quando arrendo seu lote;

Antes a terra era vermelha cor dos minerais;
Hoje é amarela, branca é tanta cor que nem sei mais;
Hoje as erosões deixam os solos deformados;
sem mineral, sem vida já nem nasce mais mato;

Antigamente era tudo verde tinha água à vontade;
Tinha saúde pouco dinheiro mais era feliz de verdade;
Hoje o dinheiro que tenho e pra pagar os remédios;
Me lasquei não pensei bem e hoje vivo um inferno;

Produzo bem e quanto a isso não posso reclamar;
Mas só com química no meio se não os produtos não dá;
Se antes uma semente caísse, onde caísse nascia;
Hoje só nasce adubado com influência da química;

Antigamente a luz da lua a gente via com clareza;
Mas hoje os postes instalados encobrem toda a beleza;
A máquina que o homem criou substitui ele mesmo;
e a gente um cego quando o assunto é dinheiro;

Eu queria terminar com uma rima pesada;
Mais se eu não posso dizer palavrão prefiro não dizer nada;

Refrão defesa dos Assentados

coro

A terra dos barão é regada a veneno;
Eles nem tem noção mas por dentro tão morrendo;
Tem a conta bancaria em cima lá nos 100;
A saúde tá no zero pode crê que eles não tem;
Veneno significa sentença de morte;
Tu vendeu a sua vida quando arrendou seu lote;

Refrão defesa do fazendeiro

“cês” fala e fala mal, quero ver fazer melhor
“cês” fala que são os bons, mas continua sendo os pior
Sou movido pelo money e tenho tudo que eu quiser;
Carro casa bebida e claro muita mulher;
Eu te ajudo com ação e não só com palavra;
Os outros tentam te ajudar só falam e não fazem nada;

O mundo é cheio de gente forte e poderosa;
Que entra na sua vida e comanda sua roça;
Agrotóxico e bom e nós bate nas plantaçaõ;
Isso vem de família de geração em geração;

Nós é os barão que realiza as missões impossíveis;
Nós é os potes de ouro que está no fim do arco íris;
E de ouro pode crê cumpadi que nós entende;
É tanto ouro nas conta que nós coloca até nos dentes;

Eu sou bonado o tempo todo, minha vida é de barão;
Tu arrenda porque não pode, nós que banca as condiçaõ;
Veneno nós bate mesmo mas é pra terra produzi bem;
Os produtos nascem bonito mas pela química que rende bem;

Nós gradia sua terra, em 20 segundo já planta;
Nós paga o impacto ambiental porque nós é cheio de grana;
Doenças todos tem o que é que tem tu passar mal;
Tem médico em todo canto o mundo é cheio de hospital;

Tu quer discutir mas o debate é desigual;
Na diferença de poder só tu que se da mal;
Tirando as poucas hequitáries, me diz o que te resta?
Sua melhor opção é arrendar sua terra;

O que os outros falam é cão, eu sou a voz da razão;
 Eu vou adubar sua terra e por dinheiro na sua mão;
 A falta de verba te obriga a trabalhar fora?
 Mas isso não é desculpa vamos assina agora;

Eu vou plantar só por um tempo, no máximo dois anos;
 Tu nem vai perceber como o tempo passa voando;
 Só vou cortar uns pés de arvore, no máximo seca uma mina;
 Mas e daí? tu vai te grana pra sustentar sua família;

Dos outros que tentam te ajudar, só te ajudam com palavras;
 Eu te ajudo com ações e movo sua conta bancária;
 Do nosso jeito de plantar o povo fala que é o pior;
 Mas se acha ruim como nós faz, então vem cá e faz melhor;

refrão defesa dos pobres

A terra dos barão é regada a veneno;
 Eles nem tem noção mais por dentro tão morrendo;
 Tem a conta bancaria em cima lá nos 100;
 A saúde tá no zero, pode crê que eles não tem;
 Veneno significa sentença de morte;
 Tu vendeu a sua vida quando arrendo seu lote;

(Ataque) refrão defesa do fazendeiro

“cês” fala e fala mal, quero ver fazer melhor
 “cês” fala que são os bons, mas continua sendo os pior
 Sou movido pelo money e tenho tudo que eu quiser;
 Carro casa bebida e claro muita mulher;
 Eu te ajudo com ação e não só com palavra;
 Os outros tentam te ajudar só falam e não fazem nada;

